

UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE

FÁTIMA MOUSSA YOUSSEF

ALÉM DO VIROCENO: A ÉTICA DE GENEROSIDADE EM SWEET TOOTH E O
ENCANTAMENTO À LUZ DE BENNETT

Anápolis-GO

2024

FÁTIMA MOUSSA YOUSSEF

**ALÉM DO VIROCENO: A ÉTICA DE GENEROSIDADE EM SWEET TOOTH E O
ENCANTAMENTO À LUZ DE BENNETT**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente da Universidade Evangélica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. André Vasques Vital

Anápolis-GO

2024

Y67

Youssef, Fátima Moussa.

Além do viroceno: a ética de generosidade em Sweet Tooth e o encantamento à luz de Bennett / Fátima Moussa Youssef - Anápolis: Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica, 2024.

53 p.; il.

Orientador: Prof. Dr. André Vasques Vital.

Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica, 2024.

1. Antropoceno 2. Série de ficção 3. Identidade de gênero 4. Meio ambiente

I. Vital, André Vasques

II. Título

CDU 504

Catálogo na Fonte

Elaborado por Rosilene Monteiro da Silva CRB1/3038



Programa de Pós-Graduação em
Sociedade, Tecnologia e
Meio Ambiente

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALÉM DO VIROCENO: A ÉTICA DE GENEROSIDADE EM SWEET TOOTH E O ENCANTAMENTO À LUZ DE BENNETT

Fátima Moussa Youssef

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Sociedade, Tecnologia e Meio
Ambiente/ PPG STMA da
Universidade Evangélica de Goiás/
UniEVANGÉLICA como requisito
parcial à obtenção do grau de
MESTRE.

Aprovado em 02 de fevereiro de 2024.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Territorialidade

ODS 5: Igualdade de Gênero e **ODS 15:** Ecossistemas Terrestres e Biodiversidade



Documento assinado digitalmente
ANDRÉ VASQUES VITAL
Data: 01/05/2024 11:23:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Vasques Vital
Presidente/Orientador (UniEVANGÉLICA)



Documento assinado digitalmente
ANDRÉ EGÍDIO PIN
Data: 02/05/2024 11:16:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Egidio Pin
Examinador Interno (UniEVANGÉLICA)



Documento assinado digitalmente
MARIZA PINHEIRO BEZERRA
Data: 02/05/2024 12:27:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mariza Pinheiro Bezerra
Examinador Externo (MAST)

Às pessoas amadas: Luís Eduardo, Maria Eduarda, Anderson e João Pedro, nesta jornada cheia de desafios e vitórias, vocês têm sido meu apoio constante, minha fonte de segurança e minha maior inspiração. Dedico esse trabalho a vocês com uma afetividade que vai além das palavras e uma gratidão imensa. Cada passo e cada página são uma forma de homenagear o amor e o suporte incansáveis que sempre me deram. Vocês são a luz nos meus dias e a força que me impulsiona. Que este trabalho seja uma pequena maneira de expressar meu profundo agradecimento por tudo que são e por tudo que fazem por mim. Com todo o meu carinho, respeito e apreço.

AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja orientação divina e graça foram a luz que guiou cada passo desta jornada acadêmica, expresso minha profunda gratidão e reverência.

Ao Prof. Dr. André Vasques Vital, meu orientador, expresso profunda gratidão por sua orientação sábia e pela paciência incalculável, fundamentais para esta dissertação. Suas valiosas contribuições e seu compromisso com meu crescimento acadêmico foram imprescindíveis. Sou sinceramente grata por ter sido orientada por alguém tão dedicado e competente.

Aos notáveis professores que enriqueceram minha jornada no mestrado com compromisso, discernimento e entusiasmo, destaco: Dr. André Vasques Vital, Dr. Carlos Alberto Cioce Sampaio, Dr. Carlos Christian Della Giustina, Dr. Francisco Leonardo Tejerina Garro, Dra. Giovana Galvão Tavares, Dr. Hamilton Barbosa Napolitano, Dr. Heliel Gomes de Carvalho, Dr. Iransé Oliveira Silva, Dr. João Maurício Fernandes Souza, Dra. Josana de Castro Peixoto, Dra. Lucimar Pinheiro Rosseto, Dra. Mariane Morato Stival, Dr. Sandro Dutra e Silva e Dra. Vivian da Silva Braz. Todos foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Agradeço por compartilharem seus conhecimentos e suas experiências, guiando-me com maestria. Suas aulas não apenas ampliaram meus horizontes, mas também inspiraram um desejo contínuo de aprendizado.

Aos estimados Dr. André Egídio Pin, Dr. André Vasques Vital, e Dr. Francisco Leonardo Tejerina Garro, agradeço imensamente pela presença em banca de qualificação e pelos valiosos apontamentos fornecidos. Suas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

À Profa. Dra. Lucimar Pinheiro Rosseto, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade Tecnologia e Meio Ambiente (PPTMA) da Universidade Evangélica de Goiás, expresso meu profundo agradecimento por suas inestimáveis contribuições.

À minha família, cujos afetos irrestritos e apoios foram constantes ao longo do caminho. Destaco, especialmente, meu filho, Luís Eduardo Moussa Youssef Castelão, e sua namorada Maria Eduarda de Oliveira e Silva.

Às colegas de pesquisa, Cintia de Souza Ramos Caixeta e Gabriela Nobre Cunha, expresso minha gratidão pela colaboração essencial.

Às instituições de ensino e agências que tornaram esta pesquisa possível. Aos funcionários e profissionais que compõem o PPSTMA da Universidade Evangélica de Goiás. Aos amigos e colegas de trabalho que me apoiaram e compartilharam comigo momentos de descontração.

Aos participantes, tanto humanos quanto não humanos, destaco, especialmente, meu adorável e fiel companheiro Luke, cuja presença trouxe-me alegria, felicidade e inspiração.

Cada um de vocês desempenhou papel fundamental nesta jornada. Minha gratidão é eterna pela valiosa contribuição que ofereceram a este estudo.

“A fantasia da transcendência pode ter efeitos eticamente louváveis, mas também há motivos para desconfiar da busca pela liberdade pura, uma cautela que expressa nossa próxima travessia.”

(Jane Bennett, *The Enchantment of Modern Life*)

RESUMO

A adaptação televisiva *Sweet Tooth*, inspirada na obra do quadrinista canadense Jeff Lemire, ilustra como a ficção pode nos orientar a investigar novas perspectivas em relação ao Antropoceno, uma época caracterizada por transformações ambientais significativas resultantes da intervenção humana. Desta forma, este estudo teve como objetivo desvendar as complexidades da série e sua relevância para a compreensão do Viroceno como alternativa ao Antropoceno. Ressaltamos a relevância da ficção como um meio reflexivo sobre questões profundas que impactam tanto a humanidade quanto o planeta Terra. A série *Sweet Tooth* foi destacada como um exemplo que introduziu o conceito de Viroceno, oferecendo uma interpretação única das interações entre humanos, ecossistemas e vírus. Referenciamos argumentos de estudiosos, como Laurel Forster, ao sublinhar o papel desafiador da ficção em relação a tabus e obstáculos sociais, especialmente sobre questões de gênero. A análise empreendida abordou as complexidades das personagens femininas, destacando como desafiaram as normas de gênero. Além disso, exploramos a questão da identidade de gênero por meio dos personagens híbridos da série, relacionando sua singularidade com as experiências de indivíduos que não se alinham às normas tradicionais. Enfatizamos também como *Sweet Tooth* abordou questões ambientais, especialmente a relação entre os personagens humanos e a natureza, no contexto do Antropoceno, marcado pela degradação ambiental. Os ambientes retratados desempenharam papel fundamental na narrativa, desafiando os personagens a repensarem suas conexões com a natureza. A metodologia adotada foi a análise de conteúdo, permitindo-nos explorar criticamente os elementos narrativos e temáticos do nosso objeto de estudo. Buscamos desvendar as complexidades dos oito episódios da primeira temporada da série e sua relevância para a compreensão do Viroceno como uma alternativa ao Antropoceno. Em suma, procuramos combinar a análise de conteúdo com a exploração crítica da série, proporcionando percepções sobre como a ficção pode refletir e questionar desafios contemporâneos, especialmente aqueles relacionados ao Viroceno.

Palavras-chave: Antropoceno; série de ficção; identidade de gênero; meio ambiente.

ABSTRACT

The television adaptation *Sweet Tooth*, inspired by the work of Canadian comic artist Jeff Lemire, illustrates how fiction can guide us to investigate new perspectives in relation to the Anthropocene, a time characterized by significant environmental transformations resulting from human intervention. Thus, this study aimed to unravel the complexities of the series and its relevance for understanding the Virocene as an alternative to the Anthropocene. We highlight the relevance of fiction as a means of reflection on profound issues that impact both humanity and planet Earth. The *Sweet Tooth* series was highlighted as an example that introduced the concept of Virocene, offering a unique interpretation of the interactions between humans, ecosystems and viruses. We reference arguments from scholars such as Laurel Forster in highlighting the challenging role of fiction in relation to taboos and social obstacles, especially on gender issues. The analysis undertaken addressed the complexities of the female characters, highlighting how they challenged gender norms. Additionally, we explore the issue of gender identity through the series' hybrid characters, relating their uniqueness to the experiences of individuals who do not align with traditional norms. We also emphasize how *Sweet Tooth* addressed environmental issues, especially the relationship between human characters and nature, in the context of the Anthropocene, marked by environmental degradation. The environments portrayed played a fundamental role in the narrative, challenging the characters to rethink their connections with nature. The methodology adopted was content analysis, allowing us to critically explore the narrative and thematic elements of our object of study. We seek to unravel the complexities of the eight episodes of the first season of the series and their relevance for understanding the Virocene as an alternative to the Anthropocene. In short, we seek to combine content analysis with critical exploration of the series, providing insights into how fiction can reflect and question contemporary challenges, especially those related to the Virocene.

Keywords: Anthropocene; fiction series; gender identity; environment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – SWEET TOOTH E AS INFILTRAÇÕES DO VIROCENO	12
1.1 DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FICCIONAL DE <i>SWEET TOOTH</i> À TRAVESSIA DA COVID-19	13
1.2 VIROCENO EM <i>SWEET TOOTH</i> NO TEMPO DE COVID-19	18
1.3 VIROCENO EM TRÊS DIMENSÕES: CINEMA, <i>SWEET TOOTH</i> E REALIDADE, MANIFESTADOS POR FLAGELOS E SENTIMENTOS	20
1.4 CONCLUSÃO.....	28
CAPÍTULO 2 – GENEROSIDADE FEMININA EM SWEET TOOTH: UMA ÉTICA EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS NÃO HUMANOS	30
2.1 O ENCANTAMENTO E A VITALIDADE DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS	31
2.2 O IMAGINÁRIO DE <i>SWEET TOOTH</i> COMO REALIDADE COMPARTILHADA	34
2.3 PERSONAGENS FEMININAS COMO AGENTES DO ENCANTAMENTO	37
2.4 O ENCANTAMENTO DAS PERSONAGENS FEMININAS FRENTE AO EVENTO PANDÊMICO	40
2.4.1 Ursa em <i>Sweet Tooth</i>: entre o encantamento e a ética da generosidade	41
2.4.2 Aimee em <i>Sweet Tooth</i>: entre o encantamento e o desencantamento na alegria	44
2.4.3 Encantamento e complexidade na ética de Birdie	46
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

A exploração do futuro da humanidade e do planeta Terra têm sido frequentemente abordadas na literatura e na arte, sendo um tema central para diversas obras em diferentes gêneros. A ficção, como meio de expressão criativa, oferece uma plataforma única para explorar, criticar e repensar a nossa realidade. Conforme afirmado pelo escritor romancista, inglês, Edward Morgan Forster (1974), a única realidade que conhecemos é a imaginação. É nesse espaço de imaginação que diversos autores e autoras frequentemente lançam suas visões sobre o nosso presente e futuro. Por meio da ficção, somos convidados a refletir sobre questões complexas que moldam nossas vidas, nossas sociedades e nosso planeta.

A série televisiva *Sweet Tooth*, baseada na história em quadrinhos do quadrinista canadense Jeff Lemire (2020), é um exemplo de como a ficção pode nos conduzir a explorar novos caminhos de pensamento em relação ao Antropoceno, uma era definida por mudanças ambientais causadas pela atividade humana (CARVALHO, 2022). No entanto, a referida série traz uma reviravolta intrigante: o conceito de Viroceno, um termo cunhado para descrever de maneira singular a época em que o vírus exerce uma influência marcante e abrangente no ambiente, afetando diversas formas de vida, incluindo de maneira significativa a esfera social (AGUIAR; DE ARAÚJO, 2020).

De acordo com Jude Fernando (2020b), Ph.D. em Economia, Antropologia e História do Sul da Ásia, o termo Viroceno, explorado em sua relação com o Antropoceno, é derivado das palavras "vírus" e "ceno", que significa "novo". Representa uma interpretação única das interações entre humanos, ecossistemas e vírus, destacando como esses elementos estão interconectados e como os vírus podem afetar tanto a biologia quanto a cultura humana. Nesse contexto, o Viroceno configura-se como uma lente para analisar a série *Sweet Tooth*, que se desenrola em um mundo pós-apocalíptico, onde um vírus e o nascimento de híbridos (humanos-animais) transformam radicalmente a sociedade.

A historiadora Laurel Forster (2015) argumenta que a ficção, ao longo das décadas, tem sido uma ferramenta para desafiar tabus e obstáculos enfrentados por diversos grupos sociais. Em suas palavras, o cinema propôs modificações para aquilo que incomodava as mulheres no âmbito de tabus ou mesmo obstáculos domésticos, educacionais, raciais, sociais, políticos, sexuais, fecundidades, contracepções e abortos. Essas mudanças não apenas exprimem as preocupações das mulheres, mas também contribuem para novas consciências feministas que moldaram e continuam a moldar nosso mundo.

Sweet Tooth não é uma exceção a essa tendência. A série tem como protagonista central Gus, um ‘adolescente transformado híbrido’, nascido com características de um cervo. No enredo pós-apocalíptico, Gus inicia uma exploração em um ambiente desafiador e desconhecido. A narrativa enfoca figuras femininas de caráter intrincado, como a geneticista Birdie, cujas ações não apenas exploram os limites da ciência, mas também questionam as normas de gênero, ao convidar Richard, pai de Gus, a adentrar sua residência. Esse ato simples, mas significativo, representa um desafio às relações de gênero tradicionais, sendo corroborado por Sampaio, Zuñiga e Fuders (2018), para quem o diálogo e o reconhecimento da alteridade são fundamentais para alcançar uma sociedade mais inclusiva e justa.

Além disso, a série aborda a questão da identidade de gênero por meio dos personagens híbridos. O historiador André Vasques Vital (2019) destaca como as alegorias de seres estranhos nas séries refletem, muitas vezes, questões de identidade de gênero. Os híbridos de *Sweet Tooth* são seres únicos, e essa singularidade os coloca, em vários momentos, na posição de vulnerabilidade, visto que enfrentam discriminação e incompreensão. Isso exemplifica a experiência de muitos indivíduos que não se encaixam nas normas de gênero.

As análises de pesquisadoras, como a historiadora Carolyn Merchant (1980), a filósofa e zoóloga Donna Haraway (1989), a filósofa e ativista ambiental Vandana Shiva (1993) e a filósofa e ecofeminista Val Plumwood (1993), têm destacado a relação entre a concepção dominante de gênero e nossa interação com o meio ambiente ao longo do tempo. A perspectiva predominante associa a masculinidade à ideia de controle sobre a natureza, levando à exploração dos recursos naturais e impactos ambientais. Esta mentalidade perpetuada por séculos contribui para a atual degradação ambiental. Além disso, as normas tradicionais de gênero, oprimem ainda identidades não hegemônicas e outras formas de diversidade, como questões raciais, evidenciando uma hierarquia de poder na sociedade.

Sweet Tooth também aborda questões ambientais, especialmente por meio da relação entre os personagens humanos e a natureza. Em uma época caracterizada pela degradação ambiental decorrente da atividade humana, a série oferece uma perspectiva interessante ao integrar o ambiente natural como um componente fundamental da trama. Os ambientes retratados, desempenham papel importante na narrativa, desafiando os personagens a se adaptarem e a repensarem sua relação com a natureza.

Além disso, a série destaca como os personagens humanos frequentemente atuam como agentes de mudança ecológica. Mediante as ações desses personagens, *Sweet Tooth* levanta questões complexas sobre a interseção entre a humanidade, o meio ambiente e o mundo natural. Conforme observado pelo ator Brian Geraghty (2009), a ficção coloca os personagens em

situações extremas para explorar aspectos do comportamento humano. Essa exploração se manifesta na forma como eles reagem aos desafios ambientais e como buscam maneiras de sobreviver e prosperar em um mundo em rápida transformação.

Como notado pela socióloga e antropóloga Rodanthi Tzanelli (2020), o Viroceno representa uma "nova era", caracterizada pela interação entre humanos, ecossistemas e vírus. Em um contexto em que pandemias, como a Covid-19, e outras erupções virocênicas anteriores têm impactado de forma desproporcional grupos raciais, étnicos e sociais, *Sweet Tooth* apresenta uma narrativa que nos convida a examinar como essas variáveis estão inseridas nos padrões socioculturais de desenvolvimento. A série também contempla questões de justiça no contexto das relações humanas e ambientais, em consonância com as preocupações levantadas por Fernando (2020b) acerca da ecologia política e a busca por equidade social e ambiental.

O presente estudo adota a análise de conteúdo como metodologia para investigar as complexidades dos oito episódios da primeira temporada da série *Sweet Tooth*. Ao analisar elementos narrativos, personagens e temas recorrentes, busca-se compreender a relevância da série na concepção do Viroceno como alternativa ao Antropoceno. O Capítulo 1, intitulado "*Sweet Tooth* e as Infiltrações do Viroceno", explora elementos narrativos que evidenciam a presença do Viroceno na trama, destacando como a série aborda as mudanças ambientais e as interações entre personagens. No Capítulo 2, "Generosidade Feminina em *Sweet Tooth*: Uma Ética em Relação aos Animais Não Humanos", investigamos a representação de personagens femininas, como a geneticista Birdie, examinando sua ética em relação aos animais híbridos e como suas ações desafiam normas de gênero na construção de uma ética específica na narrativa. Essa estrutura proporciona uma abordagem coesa, explorando aspectos específicos da série em relação ao Viroceno e à ética feminina em capítulos distintos.

Este estudo teve como objetivo desvendar as complexidades da série e sua relevância para a compreensão do Viroceno como alternativa ao Antropoceno. A presente dissertação combina a análise de conteúdo com uma exploração crítica da referida série televisiva, de modo a oferecer percepções sobre como a ficção pode atuar como um espelho que reflete e questiona os desafios do nosso tempo. Com base nisso, exploraremos em profundidade os elementos narrativos e os temas subentendidos em *Sweet Tooth*, à medida que a série aborda os desafios do Viroceno em um mundo pós-apocalíptico, trazendo à tona questões de identidade, ecologia e justiça.

CAPÍTULO 1 – SWEET TOOTH E AS INFILTRAÇÕES DO VIROCENO

A primeira temporada da série na plataforma de transmissão *online* Netflix, baseia-se nas histórias em quadrinhos *Sweet Tooth* do quadrinista canadense Jeff Lemire (2020). A produção é de Beth Schwartz e Jim Mickle, profissionais destacados na criação e direção de projetos audiovisuais. Essa série explora emoções advindas da ordem social, familiar, política e ambiental. Baseado na literatura observamos que as ações são reativas aos impulsos (BULLEID, 2023). Por isso, em sua construção, as personagens movem-se ontologicamente (BENJAMIN, 2013), em razão dos pensamentos, dos abalos sentimentais e das percepções acerca da vida e do tempo, estruturadas em si mesmas, nos outros, no ambiente e no mundo.

Em seus episódios, são referenciados os gêneros fantasia, ficção apocalíptica e pós-apocalíptica, integrados à veracidade e concatenados a fatos e ideias de um indivíduo jovem híbrido apartado da sociedade, mas ansioso para descobrir o que há além das cercas que o privou do mundo real. É uma história, em consonância com o mundo real pós-pandêmico, em que tudo parece um contrassenso de consciências, alicerces e experiências humanas. Trata-se de uma série marcada por “redefinições”, uma vez que, em seu tempo, várias sociedades encontravam-se num período confuso e amotinado de um realismo desafiado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, da Covid-19, que representou uma ameaça global à vida humana.

Este capítulo investiga como os diversos flagelos resultantes do vírus fictício H5G9 se expressam como emoções de ansiedade, amor, ódio, remorso, intolerância e vingança, operando em uma dimensão virocênica. Estas emoções têm impacto não apenas na reprodução e na sustentação da vida humana, mas também nas esferas ética, natural e política (HARVEY, 1996). Uma análise é conduzida sobre questões contemporâneas e especulativas relacionadas a gênero, raça, ciência e ambiente, com atenção especial à justiça social e ecológica presentes na série, com o intuito de questionar as predominâncias que têm moldado os diferentes aspectos do mundo. Isso significa uma análise que considera as fragilidades e as destrutibilidades humanas e ambientais que se têm difundido na era virocênica, envolvendo poder e justiça, e, elementos estruturantes do enredo.

Assim, a análise foi dividida em três partes complementares no desenvolvimento deste capítulo. Em um primeiro momento, identificamos o surgimento da série mencionando país, produtores, história contida na primeira temporada, circunstância histórica de lançamento, impacto na crítica especializada, público e detalhamento de suas premiações.

Em um segundo momento, tratamos da relação da série com o período da pandemia de Covid-19, de modo a analisar o conceito de Viroceno, bem como sua origem e o porquê de se manifestar durante a pandemia. Acreditamos, assim, que o próprio conceito seja uma variação do termo Antropoceno ou esteja contido nele. Outrossim, faremos uma associação ao contexto da Covid-19; uma vez que o conceito de Viroceno e a série surgiram quase que na mesma época.

Por fim, em um terceiro momento, analisamos a obra fílmica em si. Importa mencionarmos que a ideia de Viroceno encontra-se na história de *Sweet Tooth*. No tocante a esse encontro, há uma nuance de sentimentos que nos fazem refletir sobre a manifestação e dimensão dos flagelos na vida humana como uma revelação à noção de Viroceno.

1.1 DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FICCIONAL DE *SWEET TOOTH* À TRAVESSIA DA COVID-19

Sweet Tooth é uma série televisiva americana criada por Beth Schwartz e Jim Mickle, que estreou na Netflix em 04 de junho de 2021. Baseia-se nas histórias em quadrinhos mensais de quarenta edições publicadas pela DC Comics, em seu selo Vertigo, de Jeff Lemire, autor ganhador de uma das categorias do Prêmio Eisner Award, originário do Canadá, sendo um dos maiores reconhecimentos para quadrinistas no mundo (LEMIRE, 2020). Destacam-se Susan Downey e Robert Downey Jr. como participantes da produção, que obteve aprovação de 97% no site de resenhas críticas *Rotten Tomatoes* (ROTTEN TOMATOES, 2021).

Sua audiência na plataforma de *streaming* superou 60 milhões nos primeiros 45 dias após a estreia e, posteriormente, foi indicada para o prêmio de "Melhor adaptação de história em quadrinhos/novela gráfica", no *Harvey Awards*, e para o prêmio de "Excelência em efeitos visuais de apoio em episódio fotorrealista", no *20th Visual Effects Society Awards* (WIKIPÉDIA, 2021).

A primeira temporada de *Sweet Tooth* possui oito episódios, sendo uma espécie de conto de fadas maduro, denso e sombrio. A história acompanha Gus, um híbrido bípede com feições humanas e chifres, além de orelhas de veado. Gus vive há 10 anos em isolamento com seu pai, um humano, no Parque Nacional de *Yellowstone*, nos Estados Unidos. Mesmo privado de contato com o mundo exterior e nunca tendo ultrapassado as cercas do parque, ele começa a

levantar questionamentos sobre suas origens e o "além-cerca", o que o conduz a uma jornada em busca de sua mãe humana, motivado por uma foto encontrada escondida entre os pertences do pai.

O contexto dessa narrativa se passa em um mundo pós-apocalíptico, dominado por um vírus fictício H5G9 letal e contagioso. Os humanos restantes reúnem-se em pequenas comunidades, passando a viver sem infraestrutura (energia elétrica, internet e comunicação). Além disso, todas as instituições governamentais foram dissolvidas. Por outro lado, uma organização fascista, autodenominada *The Last Man Army* (“Os Últimos Homens”), exerce força política e policial, com propaganda anti-híbridos. A motivação dessa perseguição se dá pela paridade temporal entre o início da pandemia viral e a aparição dos híbridos, levando muitos a acreditarem que eles podem ser vetores ou a causa da doença.

Sweet Tooth incorpora uma estrutura de fantasia alinhada por destinos, arbítrios e heroísmos, cuja trilha se faz pela ficção científica em um tempo real, que corrobora de forma significativa e inovadora quanto à demonstração de uma suposta superioridade humana.

Sob um olhar metafórico, um “eclipse pandêmico” ocorre quando um fenômeno virótico na ficção e na realidade se interpõe ao mesmo tempo. Assim, uma sombra permeada por uma luz de esperança, tanto para a humanidade ficcional quanto para a humanidade existencial, fixa-se na escuridão e na limitação por dias consecutivos. Considerando essa perspectiva, o ambiente público se torna receptivo e persuasivo para um confronto científico. Assim, a ciência reconhece que a falta de ação levará às calamidades, posto que os "desastres científicos" retratados em filmes populares alertarão sobre os infortúnios, gerando apreensão coletiva. De acordo com Kirby (2011, p. 18, tradução nossa):

[...] a influência da ciência na narrativa ficcional é evidente.

[...] Os consultores acreditam que quanto mais realisticamente um desastre científico for visualizado em um mundo fictício, mais motivado o público estará para financiar pesquisas científicas para evitar que o evento ocorra no mundo real. Independentemente disso, um nível básico de autenticidade científica é essencial para evitar os piores ataques críticos de oponentes científicos e políticos.

Por isso, a série obteve sucesso entre o público de fantasia e os espectadores que contemplam uma releitura audiovisual na representação metafórica de esperança em meio a uma crise pandêmica.

Ao examinarmos e tentarmos compreender diversas concepções acerca dos tempos futuros, observamos, no presente, o surgimento de uma intelectualização e racionalização. À medida que investigamos essas ideias, adotamos cada vez mais uma abordagem cognitiva e

lógica que se apresenta como incalculável e inicial (BENNETT, 2016). Da mesma forma, vemos o flagelo virótico em séries, filmes e até na realidade; ou seja, um surto viral que questiona as noções hegemônicas ocidentais de natureza e sociedade, vistas sob uma ordenada complexidade, de modo a serem racionalmente decodificadas, ainda que principiadas sistematicamente. Portanto, várias circunstâncias da contemporaneidade se entrelaçam num emaranhado de desencantamento e, ao mesmo tempo, o cotidiano justifica-se pelo encantamento, isto é, por fenômenos que se afetam mutuamente (BENNETT, 2016).

Assim, há mundos imagéticos onde flagícios fomentam novos pensamentos, sociabilidades e legislações. Estão entre as pessoas, pois nos flagícios estão contidos os mecanismos de indução de defesa, associados ao medo como forma de coerção e decisões inesperadas, mesmo “naturalmente” sociáveis em uma multiplicidade de tristezas, isolamentos, destrutibilidades e atitudes antiéticas.

De maneira similar, os episódios de *Sweet Tooth* apresentam vestígios disfarçados de uma realidade exterior que possuem uma lógica intrínseca. Conforme os eventos se desenrolam, percebemos a ocorrência de uma epidemia fictícia (H5G9) em grande parte do mundo, que, após uma década, resultou na notificação da morte de milhões de vidas, ocasionando uma redução e transformação na sociedade humana. Paralelamente, entramos em uma realidade apocalíptica, caracterizada por um colapso civilizacional, onde os diversos sistemas se tornam inoperantes.

Nesse cenário, todos lutam pela sobrevivência, enfrentando novas estruturas de poder e política em todo o mundo. Contudo, experimentam frustração ao perceberem a inexistência da suposta convivência pacífica e harmoniosa com os demais seres. Observamos não apenas o esfacelamento, mas também a naturalização de obstáculos tanto nesta, quanto naquela humanidade.

No contexto da série, a alteração genética emerge como o elemento central do enredo, desencadeando a modificação da reprodução humana e o surgimento generalizado e significativo de crianças com características híbridas entre espécies animais e humanas. Diante disso, propomos uma classificação em três grupos etários distintos: ‘crias nascidas híbridas’ para recém-nascidos, ‘pequenos evoluídos híbridos’ para crianças e ‘adolescentes transformados híbridos’ para jovens. Tal categorização visa compreender as nuances do desenvolvimento, considerando os diferentes ambientes nos quais esses híbridos são criados, abrangendo ambientes laboratoriais, domésticos e naturais.

No universo de *Sweet Tooth*, alguns argumentam que os híbridos são uma manifestação do colapso civilizacional, enquanto outros sustentam que são uma consequência deste. Essa

discordância gera conflitos entre os indivíduos, resultando em uma perseguição persistente aos híbridos, inclusive às ‘crias nascidas híbridas’, tornando-se um fator determinante desse conflito. Por analogia ao contexto da série, as práticas e as relações temporais e espaciais expõem injustiças tanto em relação aos humanos quanto ao meio ambiente.

Assim, a obra cinematográfica exemplifica os padrões predominantes e antropocêntricos, evidenciando a potencial sobreposição com outra fenomenologia periódica, conhecida como “Viroceno” (TZANELLI, 2020), enquanto aborda as noções hegemônicas ocidentais de natureza e sociedade. Isso estabelece uma maneira de promover conflitos entre atores individuais, sociais ou coletivos, visando especificamente à implementação de políticas ou à concentração de poder, com base no capitalismo.

Ao especular sobre o futuro, o gênero ficção nos fornece parâmetros para uma reconstrução da realidade, atuando tanto no tempo presente quanto no futuro (FORSTER, 2015; VITAL, 2019). Analogamente, é fundamental entender que, enquanto a fantasia geralmente retrata um ambiente vital para o herói, na ficção científica, o ambiente frequentemente apresenta desafios. Por vezes, ele é caracterizado como antagonista na narrativa, podendo representar uma fonte de problemas maior do que os próprios seres humanos, robôs, alienígenas ou outros elementos. Nesse contexto, o ambiente não apenas desempenha o papel de antagonista, mas também revela aspectos do comportamento humano (GAROTAS GEEKS, 2021).

Pode-se estabelecer uma analogia com a série *Star Trek*, na qual o personagem Spock, interpretado por Leonard Nimoy, transcende a mera representação de um alienígena. Ele encarna um protótipo de ser humano analítico, racional, dotado de inteligência científica e pensamento. Dentro deste elenco, uma diversidade de personagens humanos discute sobre a essência da própria natureza humana (GAROTAS GEEKS, 2021). Essa dinâmica é igualmente evidenciada em *Sweet Tooth*, onde o Dr. Singh, em sua investigação, observa que um vírus letal está devastando o mundo. Concomitantemente, nascem indivíduos que são híbridos entre humanos e animais, provocando debates sobre a origem desses seres:

A História olha mais para o passado do que para o presente e o futuro. Às vezes, parece chamar a humanidade ao tapete por seus impulsos violentos. Em outros, o filme defende a raça humana e suas falhas. Allen não escolhe tanto uma posição, quanto estabelece um debate que certamente incomodava o público a cada relatório de desenvolvimento nuclear em andamento e armazenamento de armas (GERAGHTY, 2009, p. 47).

Alguns cineastas empregam uma abordagem direta em seus filmes de catástrofe, na qual as vidas de várias personagens se entrecruzam, compelindo-as a lidar com o cerne do enredo (GERAGHTY, 2009). Essa abordagem é claramente observada em *Sweet Tooth*. Jim Mickle, por exemplo, atribui ao personagem Jepperd (Grandão), previamente identificado como um ex-

membro dos “Últimos Homens”, uma cicatriz em seu peito que desperta medo na mãe do protagonista, Rusty. Contrariamente à reação da mãe, Rusty não demonstrava medo da cicatriz. Apesar disso, Jepperd insiste em permanecer ali, por uma noite, até que os obstáculos se dissipem. Como uma alternativa nos termos dos modos e níveis de organização da vida, Susan Downey reintroduz esse mesmo personagem na série, como cuidador e protetor de Gus, um ‘adolescente transformado híbrido’. Isso evoca um senso de redenção no intérprete, manifestado como uma espécie de transformação ao longo dos episódios, ou seja, a maneira como o personagem foi influenciado em seu encontro com o protagonista.

Segundo a análise de Laurel Forster (2015), a partir da década de 1970, o cinema introduziu modificações destinadas a abordar questões que preocupavam as mulheres, incluindo tabus e barreiras domésticas, educacionais, raciais, sociais, políticas, sexuais, de fertilidade, contracepção e aborto. Consequentemente, as mulheres tornavam-se mais conscientes, questionadoras e assertivas em relação às suas experiências. Mais tarde, muitas mulheres passaram a influenciar e liderar mudanças no mundo através de modelos alternativos de vida, contribuindo para um despertar do feminismo. Isso abrange a participação no campo das ciências, exemplificada em *Sweet Tooth*, onde a personagem Birdie, uma geneticista, identifica um microrganismo para teste de uma vacina que poderia ter impacto significativo na vida humana. Nesse contexto, ela desafia as convenções ao convidar Richard, o pai de Gus, um ‘adolescente transformado híbrido’, a entrar em sua residência, demonstrando coragem ao confrontar as normas sociais de gênero.

De acordo com Vital (2019), a representação de entidades ou seres singulares em séries apresenta uma semelhança peculiar com as formas pelas quais eles se manifestam e se conectam com questões associadas ao sexo feminino ou a variações de gênero. Por meio dessas identidades, eles se auto atribuem identidades como homens ou mulheres. No entanto, existe também a possibilidade de se perceberem como divergentes dos padrões convencionais, colocando-os em uma posição vulnerável diante das discriminações sociais, étnicas, financeiras, políticas e de limitações para a inovação.

Isso é evidenciado em *Sweet Tooth*, onde o personagem Jepperd disfarça Gus, ‘adolescente transformado híbrido’, como um humano para que ele possa entrar no trem. No entanto, posteriormente, Jepperd aconselha Gus a suprimir suas características distintivas para evitar revelar sua identidade híbrida. Apesar de parecer um humano visualmente, Gus não se sente completamente integrado ao ambiente, causando certo desajuste naquele contexto.

1.2 VIROCENO EM *SWEET TOOTH* NO TEMPO DE COVID-19

Diante às adversidades enfrentadas pela humanidade durante a pandemia e o período pós-pandêmico, reconhecemos a importância de incorporar ao estudo o termo “Viroceno”. Este termo deriva da combinação do prefixo "viro", relacionado a vírus, um termo de origem latina associado às variantes biologicamente prejudiciais e a metáforas alternativas explorando ideias que afetam seres humanos, animais e plantas, com o sufixo "ceno", originado do grego "kainos", significando "novo" ou "recente", representando um conceito singular de interação intensa entre seres humanos e ecossistemas (FERNANDO, 2020a).

Conforme observado por Tzanelli (2020), o Viroceno abrange manifestações de períodos históricos anteriores, não exclusivamente do presente, tornando-se essencial para a análise do atual contexto. Por essa razão, é considerado um elemento crítico e preocupante. A autora complementa que ao:

[...] falar sobre o COVID-19 e outras erupções virocênicas anteriores, como a gripe espanhola, MERS e o vírus SARS original, precisamos considerar como as variáveis de raça, etnia, idade ou mesmo gênero se encaixam nos padrões socioculturais de desenvolvimento, não na capacidade adaptativa natural-ecológica (TZANELLI, 2020, p. 2, tradução nossa).

Nessa perspectiva, são sugeridas análises mais amplas, fundamentadas e adaptáveis sobre os percursos de vida e engajamento político de diferentes grupos, visando à defesa e à transformação das estruturas sociais. Considerando a multiplicidade de contextos emergentes e conflitantes, Fernando (2020b) argumenta que, sobreposto ao Antropoceno, surge o Viroceno, como um "novo período", desencadeado pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, um novo vírus se estabelece como um marco histórico resultante das interações entre a humanidade e o meio ambiente, representando uma intensificação virocênica impulsionada pelas forças naturais. Nesse sentido, ele adquire uma resiliência e importância fundamentais na busca por respostas ou explicações sobre as estruturas políticas e econômicas. Sob essa perspectiva, frequentemente se contesta qualquer forma de ataque, ação ofensiva ou violência perpetrada por opositores, visando alterar as concepções ontológicas, morais e pragmáticas, assim como os padrões de vida.

Partindo do pressuposto de que o respeito é essencial para lidar com as disparidades na sociedade, é evidente que o sistema político a atravessa e a influencia constantemente. Em outras palavras, ele persiste de maneiras mais resistentes e legítimas, estabelecendo uma estrutura lógica diante das adversidades, de tal forma que desafia as democracias ao longo do tempo, induzindo submissões e passividades na população em relação ao que é considerado

"justo" e "ecológico". No tocante a esse contexto, Fernando (2020b, p. 638, tradução nossa) pontua que:

[...] a ecologia política fornece uma perspectiva sobre o porquê e como os humanos perderam o controle sobre seu modo de vida 'normal' na época do Viroceno e como a humanidade pode recuperar o controle sobre a formação da vida. Ele também oferece insights críticos sobre a justiça no contexto de questões que surgem na interseção da época do Viroceno com o poder político, interesses econômicos, normas sociais e conflitos emergentes nas relações humanas ambientais.

Diante do “surgimento Virocênicos, ressalta-se colocar frente e dialogicamente sob a base moral, os direitos e intervenções ecológicas e políticas para a constituição de ações exequíveis de justiça social e ambiental” (FERNANDO, 2020b, p. 638, tradução nossa). Isso se torna imprescindível, visto que o Viroceno gera três tipos de medos. Em primeiro lugar, há o medo da doença e da perda da vida, que afeta a todas as pessoas, de todas as classes sociais (FERNANDO, 2020b, p. 654, tradução nossa). Em segundo lugar, o Viroceno mantém vantagens econômicas e raciais, injetando um medo duradouro que leva as pessoas a reagirem contra a agressão do capitalismo como sistema dominante. Essa reação abrange as falhas sociais e ecológicas evidenciadas pela pandemia (FERNANDO, 2020b, p. 659, tradução nossa). Em terceiro lugar, grupos sociais marginalizados internalizam a perspectiva de um mundo favorecido e protegido que não é o deles, tornando-os relutantes em assumir riscos e incertezas em prol de uma ordem mundial alternativa (FERNANDO, 2020b, p. 665, tradução nossa). Possivelmente, especulações sobre enfrentamentos em prol do desenvolvimento sustentável crescem à medida que soluções alternativas são apresentadas, revelando as fragilidades em tempos de pandemia.

Em *Sweet Tooth*, com o advento da pandemia, surge uma nova geração de indivíduos híbridos, que, devido à sua imunidade às doenças, conseguem sobreviver. Embora devam ser protegidos ou respeitados, esses híbridos são alvo de perseguição pela organização conhecida como "Os Últimos Homens", que se dedica à busca, captura, invasão, sequestro, sedação e experimentação em laboratório. Dessa forma, intensificam-se as dinâmicas de dominação e injustiça sobre os indivíduos considerados distintos ou vulneráveis, tornando difícil para eles viverem com propósito, uma vez que são necessárias abordagens alternativas que apoiem e promovam tais propósitos.

Sob essa mesma perspectiva, Tzanelli (2020) afirma que o Viroceno já possui um histórico relacionado à biopolítica. Portanto, o desejo por mudanças ou alternativas não se baseia apenas em um evento singular, como o da Covid-19. De acordo com as descobertas do psicólogo especializado em relações étnico-raciais, Ramon Luis de Santana Alcântara (2011),

a existência de uma pandemia deve ser compreendida como a "assunção da vida pelo poder" ou a "estatização do biológico", configurando-se entre gestões que delineiam oportunidades sociais e segmentares por meio de parâmetros excludentes, sejam por anomalias, sejam por racismo, etnias, gênero ou idade. Isso se manifesta em uma paranoia de intolerância e injustiças, expostas pelas narrativas midiáticas inéditas e dolorosas.

Assim, tanto o Viroceno quanto o Antropoceno representam um processo de deterioração, tanto para os seres humanos, quanto para o meio ambiente, uma vez que são caracterizados predominantemente por ações que carecem de consideração humanitária da natureza, dado que se encontram impregnados unicamente por ações desumanas. Conseqüentemente, a humanidade e a eventual realidade pós-humana tornam-se meros peões nas mãos do poder dominante e preservador. Nesse contexto, a narrativa de *Sweet Tooth* possibilita a evocação de emoções impulsionados por uma força poderosa e incondicional ligada ao que é considerado intangível. Nesse sentido, Fernando (2020a) levanta dúvidas sobre a capacidade dos indivíduos em vulneráveis de organizarem um movimento manifesto ou aspirarem à ascensão social, levando em conta suas fragilidades. É possível que alguns deles não sejam capazes de alcançar seus objetivos durante o período do Viroceno.

1.3 VIROCENO EM TRÊS DIMENSÕES: CINEMA, *SWEET TOOTH* E REALIDADE, MANIFESTADOS POR FLAGELOS E SENTIMENTOS

Em março de 2020, a pandemia de Covid-19 surgiu globalmente. A série *Sweet Tooth* já havia enfrentado alguns contratemplos em termos de produção, uma vez que foi filmada entre os anos de 2016 e 2019. Com o advento da pandemia, houve a necessidade de ajustar todo o cronograma devido a atrasos e complicações. Foi necessário interromper e revisar uma parte significativa do material já produzido antes de seu lançamento em 2021.

A pandemia de Covid-19 interrompeu uma série que aborda o tema de uma pandemia provocada por um vírus fictício mortal, em um cenário que destaca a imprevisibilidade da realidade. que resultou na perda de milhões de vidas em todo o mundo. De modo peculiar, a Netflix lançou a série em um momento em que alguns lugares do mundo começavam a vislumbrar a esperança em meio à pandemia.

A primeira temporada da série é estruturada em três núcleos narrativos distintos, cada um organizado em um arco separado. No primeiro arco, são exploradas as experiências do protagonista Gus, um 'adolescente transformado híbrido', e seu encontro com Jepperd, levando à sua saída da reserva de Yellowstone em direção ao Colorado. No segundo arco, o foco recai

sobre o Dr. Singh, um médico; enquanto o terceiro arco narra a história de Aimee, que se refugia em um zoológico e encontra uma ‘Cria nascida híbrida’, um ser humano-porco, deixado ali para ela cuidar. Aimee decide criar a híbrida como sua filha. Esses três segmentos se entrelaçam progressivamente a partir do sétimo episódio da série, adquirindo coesão narrativa, mesmo que não ocorram necessariamente de forma simultânea.

À medida que a série progride, são identificados paralelos nos filmes "Adeus, Lenine" (2003), dirigido por Wolfgang Becker, e "Luca" (2021), dirigido por Enrico Casarosa, que destacam a importância de construir narrativas fictícias como uma estratégia de proteção diante das mudanças e perigos do ambiente externo. Em "Adeus, Lenine", a personagem Sra. Kerner entra em coma pouco antes da queda do Muro de Berlim e desperta em uma Berlim Oriental transformada, enquanto seu filho Alexander oculta as mudanças para proteger sua saúde. Por outro lado, em "Luca", um curioso monstro marinho chamado Luca vive recluso, temendo os humanos na superfície. Esses filmes exemplificam a prática comum de recorrer às narrativas ficcionais como um meio de preservar o bem-estar emocional e físico dos entes queridos.

Outro exemplo de filme inserido nessa temática é a "A Vida é Bela" (1997), dirigido por Roberto Benigni. Ambientado durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália; o filme narra a história de um pai judeu, Guido, e seu filho, Giusué, que são levados para um campo de concentração. Diante desse contexto, o pai utiliza sua imaginação para fazer o filho acreditar que estão participando de uma grande brincadeira, com o objetivo de protegê-lo do terror e da violência circundante. Essa estratégia também é adotada por Richard Fox, pai do protagonista em *Sweet Tooth*, ao enganar Gus, afirmando que tudo fora da cerca que não abrange o Parque Nacional de Yellowstone está envolto em fogo, buscando evitar que o garoto desenvolva o desejo e o fascínio pelo mundo exterior e por descobrir sua origem. De forma análoga, a realidade confronta-se com a necessidade de construir narrativas ficcionais ou ocultar verdades para proteger não apenas as crianças, mas também os adultos, uma prática comum na tentativa de preservá-los de situações prejudiciais, seja para evitar danos físicos ou para lidar com informações difíceis de assimilar.

Embora o sentimento de amor esteja um componente presente nas três ideias, o Viroceno se evidencia na narrativa de *Sweet Tooth* como um flagelo que transcende fronteiras entre espaço, tempo e ausência materna. Por outro lado, no filme de Benigni, a dimensão do flagelo é elevada, devido às atrocidades da Segunda Guerra Mundial. No contexto contemporâneo, as forças do capitalismo, conflitos armados, disparidades socioeconômicas e adversidades estão em ascensão, levando muitas pessoas a procurarem por meios de

sobrevivência, empatia e uma compreensão crítica das limitações da cidadania, tanto em nível individual quanto coletivo.

Nesse contexto, Gus, um ‘adolescente transformado híbrido’ emerge como uma entidade vital para a preservação da vida, da ética e do amor, agindo como uma ponte entre humanos e híbridos na promoção de relações harmoniosas. Tal dinâmica é exemplificada por personagens como Ursa, Jepperd e Aimee, presentes na série em análise. Esse enfoque se alinha a uma abordagem semelhante ao conceito delineado por Fernando (2020a), denominado de “Era do Loveceno”, que propõe ações voltadas para o cuidado voluntário e satisfatório de todas as espécies, tanto humanas, quanto não humanas.

No mesmo contexto, o escritor contista e romancista Vítor LaValle (2018), argumenta que o folclore e as crenças europeias propiciam a troca de crianças na construção da ficção, referindo-se, por exemplo, à substituição de uma prole humana pela de uma fada troll. Ele sugere que a motivação para essa prática reside no desejo de ter um serviçal humano ou, em alguns casos, reflete uma atitude desumana. Na realidade, isso constitui um flagelo, pois muitos que perderam seus pais de forma arbitrária sentem revolta e buscam por vingança. Nesse contexto, surge o medo existencial e a sensação de desamparo, elementos que se alinham à definição do Viroceno. Esse conceito aborda as consequências desumanas e desestabilizadoras das interações entre os humanos, o ambiente e os agentes patogênicos.

Em *Sweet Tooth*, a personagem Ursa passa por uma situação trágica, tendo perdido seus pais para o vírus e sido separada de sua irmã por ser híbrida. Esse contexto, evidencia a complexidade do Viroceno, onde o sentimento de ódio desencadeia um medo que afeta a mentalidade de Ursa. Conforme argumentado por Steven Shaviro (2012), um pesquisador norte-americano, especializado em crítica cultural com foco em teoria do cinema, ficção científica, capitalismo e afetos, esse sentimento é caracterizado por uma dinâmica contínua, evoluindo como um mecanismo vital para alcançar um ideal desejado.

Analisando o caso de Ursa sob uma ótica ética e reflexiva, observamos sua reavaliação de ações e valores com o intuito de resguardar os híbridos. Ao optar por formar um exército para garantir a segurança deles, ela renuncia à sua própria proteção em favor de uma coletividade tão vulnerável quanto ela, apesar das complexidades inerentes a essa decisão. Essa mudança de perspectiva destaca o impacto transformador do amor e da ética em meio às adversidades, mesmo quando confrontados com o medo paralisante, a dor e o ódio decorrentes do Viroceno. Nesse contexto, o medo em questão, frequentemente, envolve uma apreensão existencial relacionada às adversidades imprevisíveis e desumanas, resultantes do Viroceno.

A atitude de reavaliar o passado é evidente em Jepperd, anteriormente, afiliado aos "Últimos Homens", cuja perspectiva em relação aos híbridos se transforma após o encontro com Gus. Passa a protegê-lo e conduzi-lo ao Colorado, em busca de sua mãe. Jepperd e Gus se envolvem em uma investigação colaborativa com o objetivo de obter esclarecimentos, abordando tanto a origem do jovem quanto os eventos do passado de Jepperd.

Nesse sentido, o sociólogo *Ulrich Beck* (2018) argumenta que, enquanto a transformação é baseada em certezas que a sustentam, a metamorfose desafia essa solidez, introduzindo uma dinâmica de mudança. O autor sugere que a metamorfose direciona o foco para a experiência de “estar no mundo” e observar o mundo, enfatizando eventos e processos não intencionais. Ele acrescenta que “o que era impensável ontem torna-se real e possível hoje” (BECK, 2018, p. 15).

Além disso, Jepperd, em meio aos eventos, empreende esforços para obter esclarecimentos sobre a origem do vírus. Ele emprega diversas estratégias, semelhantes às apresentadas, na série *The Rain*, de Mosholt, Jacobsen e Potalivo, na qual dois irmãos enfrentam desafios para sobreviverem e buscam conquistar a confiança de membros de um novo grupo, demonstrando solidariedade e disposição para colaborar. Considerando o contexto da realidade, essa dinâmica pode ser exemplificada pela estratégia adotada pelos partidos políticos e seus representantes para estabelecerem novas alianças que os beneficiam diretamente, diante do cenário do Viroceno (PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, 2020).

De igual modo, Fernando (2020b) argumenta que os indivíduos confrontam os impactos do Viroceno sempre que são inseridos em programas de assistência destinados a garantir sua subsistência básica, uma vez que, dessa maneira, o governo exerce controle sobre eles. Isso implica em disciplinar para a recuperação econômica, além de restabelecer a legitimidade do governo aos olhos da população. Assim, dentro do contexto virocênico, reconhece-se que tudo o que existe é impulsionado pela força vital de sobrevivência, ou seja, “a força por trás do desejo de um corpo de continuar sendo e se tornando, de continuar existindo” (FERNANDO, 2020b, p. 641, tradução nossa).

Na série, são evidenciados os antagonistas representados pelo grupo político-militar conhecido como "Os Últimos Homens", conforme mencionado. Eles são caracterizados como uma milícia, liderada pelo General Abbot. Esses indivíduos são afiliados ao Instituto Científico, que sequestra e conduz experimentos em ‘pequenos evoluídos híbridos’, visando a descoberta da cura. Também são atribuídas a eles as ações que resultaram na morte da personagem conhecida como Dra. Bell, uma cientista que se negou a entregar suas anotações de laboratório para o grupo. De mesma forma, o Dr. Singh e sua esposa Rani são detidos; Rani é a única

paciente que sobreviveu à infecção viral, embora permaneça cronicamente doente. O propósito da detenção é que o Dr. Singh supervisione as investigações e forneça os resultados ao grupo.

De acordo com Fernando (2020b), o aumento de desastres sociais e ecológicos é atribuído a fatores financeiros, nos quais os países se consideram imunes às consequências de coerções. Por essa razão, o abuso e o exercício do poder permitem a discriminação contra princípios e a desvalorização da vida. Em resumo, a atual configuração geopolítica do Viroceno global, influenciada pelos principais líderes do sistema capitalista, caracteriza-se por discursos cada vez mais rígidos que se faz ouvir através dos continentes. Por certo, o capitalismo permeia e se expande em diferentes cenários, incluindo situações de guerra, pandemia, pós-pandemia, inflação, desigualdades, fome e eventos criminosos.

Na sequência da série, surge Ursa, uma personagem que lidera o “*Animal Army*” (“Exército Animal”), uma organização por ela estabelecida com a missão de proteger os híbridos. Ao longo de sua jornada, essa personagem exibe uma variedade de sentimentos conflitantes. Portanto, observamos uma dualidade de emoções em Ursa, que inclui amor e cuidado pelos híbridos, mas também um sentimento de ódio em relação aos “Últimos Homens” devido às suas ações contra sua família. Além disso, ela experimenta remorso pelas vidas perdidas sob seu comando e deseja vingança contra os “Últimos Homens” que prejudicaram sua família e continuam a ameaçar os híbridos. Sob essa perspectiva, é possível observar paralelos com algumas cenas remissivas de “*Zoo-Jackson Oz*” (PATTERSON; LEDWIDGE; DANCHIN, 2013), nas quais os animais se rebelam contra os humanos em reação a uma pandemia que resulta na perda progressiva de territórios do planeta. Os animais se fortalecem à medida que os ataques continuam, visto que não há esperança para as pessoas, especialmente na África. Como resultado, esse grupo étnico é visto como desamparado.

Em *Sweet Tooth*, o Dr. Singh é retratado como um médico residente em uma comunidade de alto padrão. Parece ter sobrevivido a todos os desafios decorrentes do grande colapso e desfruta de uma vida aparentemente perfeita. No entanto, ele logo percebe que esse estilo de vida tem um custo elevado associado. Dr. Singh desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de um soro terapêutico destinado a tratar pessoas infectadas, em contraste com a vacina, que é projetada para prevenir a infecção. Como resultado, sua presença contínua no local é necessária para controlar efetivamente a disseminação do vírus e administrar o tratamento aos pacientes afetados. Por outro lado, ele demonstra um estado de preocupação e sentimentos de afeto. Ao longo da série, ele se engaja na busca pela cura em colaboração com a Dra. Bell. Entretanto, após o falecimento dela, o Dr. Singh é deixado para conduzir o esforço da pesquisa sozinho.

É notável a preocupação do Dr. Singh com sua esposa Rani, não apenas por ser seu grande afeto, mas também devido à sua infecção pelo vírus. A incapacidade de encontrar uma cura intensifica sua inquietação. Durante as cenas, observa-se um sentimento de arrependimento que o afeta ao compreender a necessidade de sacrificar híbridos em cada teste para o soro. Consequentemente, ele experimenta um sentimento de culpa não apenas pelas suas ações em relação aos híbridos, mas também por suas decisões em relação a outras pessoas. Sua situação reflete um estado de amargura e tristeza. Nesse contexto, ao enfrentar a realidade, Dr. Singh assemelha-se aos cientistas que detêm conhecimento e autoridade para desenvolver soluções terapêuticas e preventivas contra vírus e outras doenças, através da combinação de elementos, formas e composições específicas.

Nesse contexto, a conduta ética emerge como um fator notável, imprescindível e vital para a sociedade. No entanto, houve uma falha ética por parte do médico. Segundo Fernando (2020b, p. 647, tradução nossa), em grandes sociedades capitalistas, tanto o negacionismo - a crença na imunidade à doença - quanto o triunfalismo - a confiança na capacidade dos sistemas dominantes de superar a doença - agora estão desacreditados. Indiscutivelmente, a narrativa central da série durante o momento emergencial da pandemia causada pelo vírus fictício H5G9 é que vidas e grupos vulneráveis serão impactados de forma devastadora pela disseminação do vírus, com o apoio de poderes influentes e dominantes. Nesse contexto, à medida que ocorrem mudanças no espaço e no tempo, observa-se que a humanidade adota o conformismo como uma reação resultante do Viroceno.

Em "*Dolittle*" de Lofting (2023), o Dr. Dolittle interage com diversas espécies animais, inclusive as mais incomuns. No cotidiano, os animais relatam suas experiências, destacando as ações do Dr. Dolittle em promover uma convivência pacífica e harmoniosa entre eles. Na série, a princesa Victória fica doente, levando os personagens a agirem de forma ousada e até mesmo perigosa em busca de sua cura. O Dr. Singh contrasta com o Dr. Dolittle devido ao peso emocional do Viroceno em suas ações. Enquanto isso, o Dr. Dolittle se destaca por sua habilidade de comunicação poliglota com a fauna e sua demonstração de amor e respeito por esses animais. Assim, a diferença entre eles reside na maneira como seus "EUs" interagem com o meio ambiente. Enquanto o Dr. Singh está imerso no contexto do Viroceno, o Dr. Dolittle está imerso no contexto do Loveceno. Como consequência, o primeiro não consegue salvar sua amada, enquanto o segundo consegue salvar a pequena princesa.

O especialista em ecocrítica e teoria literária ambiental, Greg Garrard (2006), destaca o impacto das reflexões e das transformações nas mentes e nos corpos resultantes da apreciação de leituras fundamentadas em narrativas ecologicamente afetivas. Nessas análises, seja na

literatura ou no cinema, os leitores assumem papéis de proteção, respeito e justiça socioambiental (GARRARD, 2006). Em *Sweet Tooth*, observamos a sobreposição do Loveceno ao Viroceno, visando restabelecer a justiça por meio da força dos sentimentos diante das relações sociais ou afetivas rompidas pelas fragilidades impostas pelo Viroceno.

Em *Sweet Tooth*, há uma mudança de sentimentos que influencia as perspectivas das personagens Aimee, Bell, Birdie, Nancie, Rani, Tigreza e Ursa. Isso sugere uma especulação sobre uma transição do Viroceno para um mundo melhor, mediada pela intervenção de uma dicotomia de sentimentos. Essas personagens estão cognitivamente engajadas em processos concretos, mas com desfechos imprevistos devido à intensidade dos sentimentos envolvidos. Shaviro (2012) conceitua esses sentimentos como algo progressivo e associado à intenção de apropriação de maneira operacional e/ou funcional. Dessa forma, o gênero ficção científica na série retrata o "sentir" como um meio de empoderamento e identificação, mesmo em sua natureza intangível e abstrata.

Embora *Sweet Tooth* explore uma relação plausível entre sentimentos e emoções, a série aborda situações de aceitação e tolerância em relação às experiências sensoriais, independentemente de serem positivas ou negativas. Isso é especialmente evidente quando essas sensações afetam as decisões relacionadas ao desempenho dos papéis e das representações das personagens femininas. Por exemplo, a raiva pode surgir quando se tenta suprimir rapidamente a tristeza, mas o processo pode ser mais demorado. Portanto, essas personagens servem como um contínuo espectro dos princípios humanos que envolvem e influenciam a inteligência, a cognição, a ética, o afeto, a natureza e as políticas. Sem dúvida, esses princípios são internalizados e aplicados nas ações, representando uma dimensão essencial do Lovecene. Nesta ótica, Fernando (2020a, p. 705, tradução nossa) sugere que:

[...] No Lovecene, devemos conceituar a justiça além da equidade de distribuição e do aprimoramento de oportunidades e capacidades, afirmando a igual dignidade e valor de todas as pessoas. Como uma encarnação do amor, a justiça deve nos levar a determinar por que humanos e não humanos estão sendo injustiçados, bem como a transformar as condições que levaram a tal transgressão.

Nesse contexto, algumas das personagens femininas da série *Sweet Tooth* serão examinadas para uma análise contextual, visando compreender as manifestações dos agentes virocênicos e a representação das lutas contra esses agentes, com o objetivo de mitigá-los em favor da sustentabilidade naquela comunidade. Isso implica que, em cada episódio, observamos subtrações antropogênicas, realizadas com base no discernimento atribuído às personagens. Isso se assemelha ao conceito de alternância mencionado por Shaviro (2012, p. 23, tradução nossa): "Você sente o que quer que tenha encontrado, ou então o rejeita ativamente do

sentimento". Assim, somos instigados a explorar formas alternativas de "sentir" diante das percepções positivas ou negativas.

Assim, em *Sweet Tooth*, Aimee, Bell, Birdie, Nancie, Rani, Tigreza e Ursa experienciam ou rejeitam seus sentimentos em meio aos diversos ciclos de convivência e diálogo. A partir dessa abordagem, podemos analisar a personagem Aimee por sua habilidade de compreender os seres humanos em suas intenções, motivações e aspirações de poder. Além disso, ela possui uma compreensão profunda dos híbridos em termos de sua constituição, conferindo-lhe uma inteligência interpessoal significativa. Essa habilidade a coloca em posição de influenciar mudanças dentro da comunidade, especialmente considerando seu histórico anterior como terapeuta. Dessa forma, ela é capaz de lidar e gerenciar os transtornos socioemocionais, mentais e possivelmente algumas disfunções cerebrais adquiridas por esses indivíduos em um cenário pós-apocalíptico.

Com a esperança de alcançar a libertação e reconhecendo a superioridade da força da natureza sobre a força humana, Aimee se distancia das outras pessoas. Inconformada com os impactos do vírus fictício H5G9, ela se isola em um zoológico, onde eventualmente encontra e adota uma 'Cria nascida híbrida'. Em seguida, Aimee passa a cuidar de outros híbridos por afeição e descobre que aprecia suas companhias. Mais tarde, ela se preocupa com a ameaça representada pela presença dos "Últimos Homens" em sua região e arrisca sua segurança para proteger os 'pequenos evoluídos híbridos'. Da mesma forma, no filme de animação "Meu Malvado Favorito", o protagonista Gru, que é solitário e evita a interação social, decide adotar três crianças como parte de sua missão. Notavelmente, a demonstração de afeto por essas crianças expõe tanto ele quanto elas a situações de perigo ao longo da trama.

Em *Sweet Tooth*, a personagem Birdie demonstra diversas habilidades lógicas e científicas, evidenciadas em cenas ocorridas em um bar, após sua demissão do laboratório devido aos riscos envolvidos em sua pesquisa. Inconformada com a situação, Birdie decide conversar com Richard, destacando sua personalidade simpática e comunicativa, deixando de lado seus próprios problemas. Sua independência é uma característica inegável. Ela demonstra uma determinação firme em seguir seus objetivos e convicções, priorizando-os sobre as consequências imediatas. Retorna ao centro de estudos laboratoriais para proteger suas pesquisas, enfrentando confrontos e avaliações posteriores em relação às relações estabelecidas, desde que estas não comprometam seus princípios, mesmo que estes possam ser abalados por motivações, emoções e ambições.

Birdie está ciente do risco associado à sua pesquisa, que contribuiu para o desenvolvimento do agente patogênico fictício H5G9 e para a criação do primeiro híbrido

humano-animal, Gus. Por outro lado, Birdie manifesta afeto por Gus e, simultaneamente, se empenha em protegê-lo. Esta personagem emerge como uma das mais influentes na narrativa. Ainda não está determinado se a cura será derivada de suas pesquisas ou se virá através do Dr. Singh, que mantém uma proximidade maior com Gus.

A narrativa evidencia o embate de Marie Curie contra o preconceito de gênero na ciência, conforme documentado em "Marie Curie: A Biography", de Marilyn Bailey Ogilvie (2010, p. 280). Paralelamente, Birdie confronta o governo que visa erradicar os híbridos, associando-os ao flagelo, conforme representado em "*Sweet Tooth: The Return*", de Jeff Lemire (2020). Uma análise aprofundada, baseada em fontes acadêmicas e críticas, poderia enriquecer essa comparação, explorando as experiências de Birdie e de Marie Curie, destacando as lutas enfrentadas por mulheres em distintos contextos históricos e áreas de atuação.

É pertinente ressaltar a crítica da filósofa e teórica política Jane Bennet (2016) à concepção de intencionalidade do objeto, argumentando que sua manifestação resulta em uma influência na natureza. De acordo com sua perspectiva, o significado só pode ser atribuído com base em um referencial causal final. Contudo, a objetividade dessa visão permanece incerta. Por fim, a compreensão da intencionalidade na natureza só pode ser alcançada quando o indivíduo estabelece uma harmonia com seus pensamentos, sentimentos e compreensão, em um processo mental e atitudinal de cooperação com ela.

1.4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como propósito investigar as complexidades abordadas em *Sweet Tooth* e sua contribuição para a compreensão do conceito de Viroceno como uma alternativa ao Antropoceno. A análise revelou a presença do Viroceno não apenas na série em questão, mas também em outras produções cinematográficas, evidenciando sua interconexão com aspectos socioeconômicos, sociopolíticos, socioambientais e sociocientíficos. Esse enfoque estimula reflexões sobre o futuro, visando alcançar uma maior equidade social e ecológica. Ficou evidente que o Viroceno está intimamente ligado à dinâmica tanto da natureza humana quanto do ambiente, fornecendo uma base sólida para investigações mais detalhadas sobre este fenômeno. A série ofereceu uma variedade significativa de identificações, especialmente ao ser lançada durante um período de crise global, marcado pela pandemia de Covid-19.

Além disso, *Sweet Tooth* aborda questões contemporâneas relacionadas a gênero, raça, ciência e ambiente. Entretanto, a série também nos expõe às vulnerabilidades e fragilidades

humanas e ambientais, resultantes de disparidades de poder e arbitrariedades. A Era Virocênica, conforme delineada nas análises realizadas, é marcada por uma predominância que influencia tanto os flagelos quanto as reações humanas a estes, muitas vezes permeadas pelo medo, coerção e escolhas imprevisíveis. Apesar das medidas alternativas propostas para mitigar essas adversidades, tais como a tristeza, o isolamento e as condutas antiéticas, são evidentes que desafios como a rejeição, a injustiça e a apatia persistem no contexto do fenômeno viral.

CAPÍTULO 2 – GENEROSIDADE FEMININA EM SWEET TOOTH: UMA ÉTICA EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS NÃO HUMANOS

A série *Sweet Tooth*, adaptada da obra de Jeff Lemire, se destaca como um fenômeno cultural contemporâneo ao explorar um cenário pós-apocalíptico. Dentro deste universo fictício, seres híbridos, que exibem traços tanto humanos quanto animais, surgem após um evento catastrófico, instigando reflexões profundas sobre a convivência entre humanos e híbridos e suas implicações sociais. A presença proeminente dos ‘pequenos evoluídos híbridos’ neste contexto não apenas gera curiosidade, mas também desencadeia receios e preconceitos, levantando dilemas característicos da sociedade contemporânea.

A presença dos "Adolescentes transformados híbridos" proporciona uma compreensão mais aprofundada das complexidades relacionadas à convivência e coexistência em níveis socioculturais mais abrangentes. Na narrativa, a interseção entre humanos e híbridos propicia uma análise metafórica de nossa relação com a biodiversidade e com os coabitantes do planeta. A trajetória dessas personagens reflete, em diversos aspectos, nossa própria busca por harmonia e compreensão.

Com base nessas considerações, este capítulo analisa o papel das personagens femininas ao longo da primeira temporada da série. O foco repousa na análise das interações entre essas personagens e os animais híbridos, com vistas à compreensão de atitudes e ações delas sob a ótica de uma ética fundamentada na generosidade. Por meio dessa análise, procura-se iluminar a capacidade da ficção televisiva em incitar reflexões sobre a nossa relação com o mundo natural, especialmente com as formas de vida que o habitam.

Por conseguinte, combina-se, neste capítulo, uma ética que transcende o humano com o poder envolvente da narrativa visual e ficcional. O imaginário criado de *Sweet Tooth* possui uma realidade trazida à tona pelo coletivo, mediante representações fictícias que exploram futuros compartilhados. Entretanto, busca-se, neste estudo, novos caminhos explorando novas ontologias ecofeministas (ADAMS; GRUEN, 2022; DER TUIN, 2011), conectando-se tanto com a vitalidade da "Natureza" viva quanto com as tecnologias avançadas.

Ao examinar as trajetórias das personagens femininas, este capítulo identifica como elas emergem como agentes de mudança, capazes de confrontar preconceitos enraizados e promover a construção de laços entre os seres humanos e os híbridos. Essas narrativas fictícias, ao espelharem dilemas éticos e ambientais, têm o potencial de catalisar discussões e introspecções no público, incentivando uma reconsideração da nossa ligação com o ambiente natural e nosso compromisso com outras formas de vida no planeta.

2.1 O ENCANTAMENTO E A VITALIDADE DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS

A abordagem teórica adotada neste capítulo tem como um dos fundamentos as ideias formuladas por Jane Bennett (2016), que desafiam a noção convencional de que o mundo moderno é um lugar destituído de encantamento, onde predominam a lógica racional e o controle humano. Contrapondo-se a essa noção, a autora postula que as coisas, desde objetos mundanos até seres vivos, têm uma agência afetiva que transcende a visão mecanicista e promove um entrelaçamento complexo entre humanos e seu entorno material.

O conceito de "encantamento das coisas", desenvolvido por Bennett (2001), enfatiza a capacidade das entidades materiais exercerem influência significativa sobre as ações humanas e as relações sociais. Nesse sentido, objetos aparentemente inanimados possuem uma vitalidade intrínseca, agindo como agentes que afetam o curso dos eventos e moldam as escolhas humanas. Esse conceito nos oferece uma nova lente para analisar as interações entre seres humanos e não-humanos, desafiando a concepção tradicional hegemônica ocidental de uma natureza passiva e sujeita ao domínio humano.

Salientamos que a relevância das teorias de Bennett para a análise da série é notória. O universo criado na narrativa apresenta 'adolescentes transformados híbridos' que, de maneira análoga às coisas encantadas da referida autora, carregam uma agência e vitalidade próprias, desafiando as fronteiras entre o humano e o não-humano. A presença desses híbridos, como figuras que transcenderam a categorização convencional, alinha-se com a perspectiva de Bennett (2001) sobre a agência das coisas e sua influência nas relações sociais e éticas.

Bennett (2016) explora a vitalidade das coisas como uma força que recria a relação entre humanos e objetos, transcendendo a visão tradicional de que eles são meros instrumentos passivos ou obstáculos para a vontade humana. Em contrapartida, esses materiais possuem trajetórias, propensões e tendências próprias, agindo como agentes ativos em dinâmicas que lhes são peculiares. Assim, reconhecer a agência da matéria em nossas vidas e decisões desafia a noção de que apenas os seres humanos possuem o poder de ação no mundo (RESTOFE, 2022).

De acordo com as ideias de Bennett, o encantamento é uma experiência rica e complexa, capaz de provocar um "misto maravilhoso de alegria, ser transfigurado e sincronicamente maravilhado, transportado pelos sentidos" (BENNETT, 2001, p. 111, tradução nossa). Sentir o encantamento é experimentar uma gama única de emoções, que inclui uma sensação agradável

de envolvimento com o novo e o inesperado, ao mesmo tempo que pode trazer uma perturbação temporária ao sair da disposição sensório-psíquico-intelectual padrão (BENNETT, 2016).

Essa sensação de encantamento nos convida à abertura para novas experiências e sensações, levando ao desenvolvimento de uma postura ética de generosidade em relação aos seres humanos e não-humanos. Essa ética da generosidade reconhece a importância das interações complexas entre humanos e não-humanos, compreendendo que as coisas têm agência própria e desempenham papel ativo na formação de relações e eventos no mundo (RIBEIRO; ALMEIDA; MACHADO, 2021).

Os filósofos Melis Giacomo e Susana Monsó (2023) propõem que a diferenciação fundamental entre os animais humanos e não humanos reside na capacidade única dos humanos de compartilhar intencionalidade com outros indivíduos, expressando emoções complexas, entendendo e respondendo às normas sociais, e comunicando-se por meio de linguagem simbólica. Esses aspectos, combinados com a capacidade de reflexão consciente sobre o próprio pensamento e ação, distinguem os humanos dos demais animais. Ao longo da história, os animais não humanos, desempenharam papéis fundamentais na sobrevivência e no desenvolvimento da espécie humana, estabelecendo uma relação antiga e duradoura conosco (BUENO,2020). O encantamento, conforme proposto por Bennett (2001), está intrinsecamente relacionado à sensação provocada pelo encontro com o inesperado.

É possível ilustrar essa ideia por meio de exemplos, como o comportamento alegre de um cachorro ao ser acariciado ou o salto assustado ao nos depararmos com um animal não domesticado, como um veado. Nessas situações, surge uma intensa e impactante sensação de encantamento, uma relação vibrante entre corpos e materiais que nos surpreende com algo novo e fascinante. Para alcançarmos esse encantamento, a autora enfatiza a importância dos detalhes e das práticas que nos conduzem a esse estado (BENNETT, 2001).

Nesse contexto, exploramos a capacidade de adaptação e recuperação dos sistemas naturais e sociais diante de mudanças e perturbações, conceituada como resiliência. Essa teoria enfatiza a interdependência entre todas as formas de vida e seus ambientes, uma temática presente na série em questão, na qual humanos e "adolescentes transformados híbridos" devem coexistir em um mundo transformado (FLORES; TREVIZAN, 2015). Dessa forma, ao analisarmos as personagens femininas, podemos observar seu papel fundamental na promoção da adaptação e na minimização dos impactos das mudanças ambientais.

Além da resiliência ambiental, consideramos também o conceito de ecofeminismo, que estabelece uma ligação entre a opressão das mulheres e a exploração da natureza. O ecofeminismo sugere que a marginalização das mulheres está intrinsecamente ligada à

degradação do meio ambiente. Ao examinar as estruturas de poder e as hierarquias que afetam as mulheres, a análise ecofeminista busca compreender como essas dinâmicas se refletem nas relações entre humanos e não humanos (SILIPRANDI, 2015).

Conforme observado pela pesquisadora social e engenheira agrônoma Emma Siliprandi (2015), o ecofeminismo emergiu inicialmente como parte da corrente do feminismo "da diferença", que enfatizava as características tradicionalmente associadas ao feminino na esfera política, em contraposição à mera busca por igualdade de poder. Este debate ganhou destaque nos anos 1970, quando o movimento "da diferença" se distanciou do feminismo "igualitarista" predominante, o qual visava principalmente a inclusão das mulheres na esfera pública, a expansão dos direitos civis e a conquista de autonomia econômica, social e política para o gênero.

Entretanto, o movimento "pela diferença" enfrentou críticas devido à crença de que a entrada das mulheres na esfera pública poderia, essencialmente, reproduzir a visão masculina de existência. Críticos argumentavam que as mulheres possuíam uma maneira diferente de ser, uma cultura e valores únicos provenientes da maternidade e do papel como geradoras da vida. Portanto, essas críticas advogavam por uma nova estruturação da sociedade que eliminasse qualquer forma de depreciação do universo feminino e propusesse um tipo de poder mais horizontal (MORAIS, 2021).

Inspirada por autoras ecofeministas, conceitua o ecofeminismo como uma corrente teórica que fundamenta a inter-relação entre a opressão da natureza pelos seres humanos e a subordinação das mulheres pelos homens. Essa visão ressalta a prevalência de estruturas patriarcais na configuração da sociedade ocidental, as quais historicamente têm restringido o papel das mulheres à reprodução social. Autoras como Val Plumwood (1993), Maria Mies e Vandana Shiva (2021) têm destacado essa interconexão entre o patriarcado e a exploração ambiental, argumentando que ambos estão enraizados na lógica de dominação e controle.

Ao combinar o ecofeminismo com a noção de encantamento das coisas, de Bennett (2001), a análise proposta torna-se mais abrangente. Isso nos permite explorar não apenas as dinâmicas das interações na série, como também as implicações éticas, sociais e de gênero dessas interações. A interseção desses conceitos nos concede uma estrutura rica para examinarmos como as personagens femininas contribuem para a construção de uma ética de generosidade em relação aos animais híbridos, considerando não apenas os elementos ficcionais, mas também as questões mais amplas que impactam no mundo contemporâneo.

O impacto das narrativas visuais e ficcionais no cinema transcende o mero entretenimento; as produções cinematográficas possuem o potencial de influenciar percepções,

despertar consciências e envolver o público em discussões pertinentes (BURROWES, 2008). Filmes como *"The Pipe"* de O'Domhnaill (2010) abordam questões controversas, como o embate em torno da perfuração de gás offshore. Nessas representações, o gasoduto é personificado como um protagonista sombrio, simbolizando os conflitos entre demandas energéticas, interesses governamentais e preocupações ambientais. Narrativas desse tipo têm o potencial de aumentar a conscientização pública sobre questões reais e fomentar debates sobre a gestão sustentável dos recursos naturais (MURPHY; BRERETON; O'BROLCHAIN, 2021).

Com base no cinema *arthouse*, filmes como *"Le Quattro Volte"* e *"Uncle Boonmee Who Can Recall His Past Lives"* exploram alguns conceitos, como animismo e pós-humanismo. As representações de metempsicose ou transmigração de almas desafiam noções contemporâneas de materialidade e levam os espectadores a refletirem sobre a vitalidade da natureza e o papel da humanidade no ecossistema. Essas obras artísticas apresentam ao público visões alternativas de interconexões entre humanos, natureza e o mundo não-humano (MURPHY; BRERETON; O'BROLCHAIN, 2021).

Os filmes de Hollywood, conhecidos como *blockbusters*, têm um impacto ainda maior no engajamento do público. *"Avatar"*, *"Star Wars"* e *"Interstellar"*, por exemplo, trazem conexões públicas mais amplas com conceitos da ontologia orientada aos objetos e do novo materialismo. Contudo, há o risco de perpetuar suposições modernistas sobre povos "primitivos" e sua relação com a Terra e outras formas de vida não-humanas, em vez de abraçar uma cosmopolítica inclusiva e diversificada (MURPHY; BRERETON; O'BROLCHAIN, 2021).

Podemos afirmar que o cinema, como veículo de imaginários fictícios, desempenha papel essencial no engajamento do público com questões ontológicas. Documentários e filmes de arte podem desafiar percepções tradicionais e promover reflexões sobre a vitalidade da natureza e da tecnologia em nossas vidas. Enquanto isso, os *blockbusters* de Hollywood oferecem uma oportunidade única de conexão com um público mais amplo, além de apresentarem desafios para representações mais inclusivas e contextualizadas.

2.2 O IMAGINÁRIO DE *SWEET TOOTH* COMO REALIDADE COMPARTILHADA

A série transcende sua natureza ficcional, estabelecendo-se como uma estrutura compartilhada entre seus criadores, os personagens retratados e o público espectador. A construção imaginária apresentada pela série, situada em um cenário de convivência entre seres

humanos e um 'adolescente transformado híbrido' em um contexto pós-apocalíptico, vai além de uma mera narrativa televisiva, manifestando-se como uma representação criativa que influencia as cognições, interações e reflexões do público acerca de sua própria existência dentro do mundo contemporâneo.

À medida que os telespectadores se envolvem com a trama, eles não apenas absorvem os eventos fictícios, mas também são convidados a considerar as implicações éticas e sociais desses eventos em suas próprias vidas. A "realidade" da série, por mais que seja ficcional, adquire uma dimensão tangível quando se conecta às ansiedades e às esperanças do mundo real.

Observamos que a relação entre a construção imaginária de *Sweet Tooth* e a percepção coletiva da realidade é profunda. A série convida o(a) espectador(a) a contemplar sobre essas questões. A trama oferece um terreno fértil para a exploração de temas universais, como aceitação, identidade e coexistência. Os 'adolescentes transformados híbridos', enquanto símbolos de diversidade e hibridismo, suscitam reflexões sobre inclusão e respeito à diferença. A narrativa aborda o medo do desconhecido e os desafios de adaptação enfrentados pelos personagens, refletindo assim sobre questões contemporâneas, como as mudanças climáticas e a crise humanitária.

No contexto do mundo moderno, que tradicionalmente busca racionalidade e controle humano, a relação entre humanos e coisas muitas vezes é limitada a uma utilidade pragmática. Essa perspectiva está intrinsecamente conectada à noção de uma natureza ocidental judaico-cristã e falocêntrica, onde a racionalidade muitas vezes é moldada por valores e estruturas sociais específicas, influenciando a maneira como as pessoas se relacionam com o ambiente e entre si. Todavia, Bennett (2001) argumenta que, mesmo neste cenário, as coisas têm uma agência que pode influenciar as decisões e os comportamentos humanos. Essa agência é, muitas vezes, subestimada, pois está enraizada em uma compreensão mecanicista da natureza e da sociedade.

Bennett (2016) contesta a visão de que o mundo pré-moderno era intrinsecamente mais encantado do que o moderno. Em vez disso, ela sugere que ambos os períodos compartilham elementos de encantamento e agência das coisas. No contexto pré-moderno, a crença em poderes ocultos e espirituais impregnava objetos e a natureza, conferindo-lhes significado e influência nas vidas humanas.

Na narrativa de *Sweet Tooth*, os mundos pré-moderno e moderno parecem coexistir em um contexto pós-apocalíptico. Os 'adolescentes transformados híbridos', dotados de traços animais e humanos, transcendem a visão convencional de categorias estáticas. Nesse sentido, o mundo da série reflete as ideias de Bennett (2016) sobre a agência das coisas, desafiando a

separação entre o humano e o não-humano. Ao serem dotadas de agência e encantamento, conectam-se ao mundo encantado de Bennett, onde as coisas influenciam e são influenciadas por outros seres.

A comparação entre esses três mundos, à luz das ideias de Bennett (2016), nos permite destacar como *Sweet Tooth* transcende as limitações de eras específicas e explora a complexa interação entre humanos e coisas em um cenário ficcional. Ao fazê-lo, a série desafia as noções convencionais de agência, poder e influência, inspirando o público a repensar sua própria percepção do mundo natural e a considerar as possibilidades de uma coexistência mais generosa e empática com todos os seres vivos.

Como exemplo, podemos citar no segundo episódio da primeira temporada a cena em que Gus, um ‘adolescente transformado híbrido’, demonstra empatia e, ao mesmo tempo, tristeza para com uma cabeça de cervo pendurada na parede. Essa interação é capturada de forma sensível, destacando a sensibilidade emocional compartilhada entre o híbrido e a cabeça do animal. Essa cena não apenas ilustra a conexão intrínseca entre diferentes formas de vida, mas também ressalta a importância de uma coexistência harmoniosa. Assim, a visão da cabeça do cervo pode fazer com que ele sinta tristeza pelo sofrimento do animal e pelas atitudes cruéis dos seres humanos. Logo, ao testemunhar essa cena, os espectadores são convidados a questionar como suas próprias atitudes em relação aos animais e ao meio ambiente podem ser mais compassivas.

Além disso, a relação entre a personagem Aimee e os híbridos exemplifica como a série instiga reflexões sobre a preservação da biodiversidade e a empatia interespecíes. No segundo episódio da primeira temporada, em Aimee se esforça para criar um santuário seguro para ‘pequenos evoluídos híbridos’. A cena simboliza a necessidade de espaços de coexistência onde diferentes seres possam compartilhar o mundo de maneira harmoniosa. Ao observarem as ações de Aimee, os espectadores são levados a considerar como suas próprias ações podem contribuir para a criação de um ambiente mais acolhedor para todas as formas de vida.

Outro exemplo é a cena da primeira temporada, no quinto episódio, em que Aditya, um dos protagonistas humanos, começa a questionar suas atitudes hostis em relação aos ‘adolescentes transformados híbridos’. Essa jornada de autoconhecimento e transformação demonstra como a série ilustra a capacidade de mudança e a importância de repensarmos preconceitos arraigados. Os espectadores, ao testemunharem essa mudança, são convidados a refletir sobre suas próprias atitudes e a considerar como podem contribuir para um mundo mais inclusivo e generoso.

Historicamente, os seres humanos sempre tiveram o controle do poder, construindo relações simbólicas que reforçavam conceitos de superioridade masculina e inferioridade feminina. No entanto, a partir das décadas finais do século XX, a emergência de um lado social feminino contestou essas noções solidificadas de gênero, buscando a igualdade e o protagonismo social e político das mulheres (SCOTT,2021).

Como nos explica o filósofo, etnólogo e sociólogo Pierre Bourdieu (2004, 2019), o poder não se manifesta apenas em estruturas formais de autoridade, mas também é intrínseco às relações sociais cotidianas e à reprodução de práticas sociais. Em outras palavras, o poder está enraizado em processos sociais subjacentes e pode ser observado nas interações diárias entre os indivíduos. O referido autor introduz o conceito de *habitus*, que representa o conjunto de disposições incorporadas e internalizadas pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida em um determinado contexto social. O *habitus* molda a forma como as pessoas percebem e respondem ao mundo ao seu redor e afeta suas ações e decisões. Essas disposições são adquiridas por meio da socialização e do aprendizado de normas e valores do ambiente em que vivem.

2.3 PERSONAGENS FEMININAS COMO AGENTES DO ENCANTAMENTO

A observação sobre a sensibilidade das mulheres na série em relação aos ‘adolescentes transformados híbridos’ pode, de fato, evocar reflexões sobre as dinâmicas de gênero na sociedade. No contexto do mundo moderno ocidental judaico-cristão, onde historicamente o machismo predominou, os papéis tradicionais de cuidado e sensibilidade para com as crianças muitas vezes foram atribuídos às mulheres. A série, ao inverter essa dinâmica e apresentar as mulheres como as principais interagentes sensíveis em relação aos seres híbridos, pode proporcionar uma interessante reflexão sobre como as narrativas ficcionais desafiam ou reforçam as normas sociais estabelecidas. Essa inversão de papéis pode ser interpretada como uma provocação à expectativa tradicional, sugerindo uma possibilidade de reimaginação das relações entre gêneros e a forma como nos relacionamos com o desconhecido.

No entanto, o encantamento também traz consigo desafios e dilemas éticos para essas personagens. Elas se veem diante da necessidade de repensar suas crenças e seus preconceitos em relação aos híbridos, especialmente em uma sociedade que teme e marginaliza essas crianças especiais. À medida que o enredo se desenvolve, as personagens são levadas a confrontar suas próprias emoções e preconceitos, de modo a questionarem suas atitudes em relação aos não-humanos.

O materialismo vital de Bennett (2001) encontra, na série, reflexo nas relações complexas estabelecidas entre as personagens humanas e os híbridos. Os híbridos, como seres animados por uma vitalidade própria, possuem agência e influência sobre o mundo ao seu redor. Eles não são meramente objetos passivos, e sim agentes ativos que têm o poder de transformar a vida das pessoas e moldar o curso da história.

As personagens femininas, ao interagirem com os híbridos, são levadas a reconhecerem a interdependência entre seres humanos e não-humanos. Essa compreensão abre espaço para uma ética de generosidade, em que as personagens aprendem a considerar os interesses e as necessidades dos híbridos, reconhecendo-os como seres vivos dignos de respeito e compaixão. Assim, a relação entre humanos e híbridos destaca a importância de uma coexistência harmoniosa entre todas as formas de vida no planeta. O encantamento despertado pelos híbridos nos convida a olhar para além das diferenças superficiais e a reconhecer a humanidade compartilhada que nos conecta a todos os seres vivos.

Na série, o encantamento e a vitalidade da relação entre humanos e não-humanos levam as personagens femininas a refletirem sobre questões fundamentais da condição humana, como empatia, compreensão e tolerância. Portanto, somos convidados a abrir nossos corações e nossas mentes para o inesperado, para o encontro com o outro (humano ou não-humano), bem como a reconhecer a magia e a maravilha que podem surgir dessas interações inesperadas.

Essa perspectiva de materialismo vital pode ser aplicada aos analisarmos as personagens femininas na primeira temporada da série. Ao observarmos suas trajetórias e interações com o mundo pós-apocalíptico habitado por humanos e híbridos, notamos como o encantamento da vitalidade se manifesta em suas experiências emocionais, nas relações estabelecidas. Cada personagem apresenta uma agência própria, influenciada pela interação com outros seres e objetos, refletindo a visão de Bennett (2001) de que todos os elementos têm a capacidade de afetar e serem afetados.

Essas personagens femininas consistem em exemplos da agência da matéria e da vitalidade que permeia o mundo narrativo. Suas escolhas e ações são moldadas pela relação estabelecida com outros seres, sejam humanos, sejam híbridos, e pelos materiais encontrados no cenário pós-apocalíptico. Ao olharmos para essas personagens através da lente do materialismo vital, contemplamos a complexidade e o encantamento que emergem de suas interações com o mundo ao redor.

Para compreendermos o conceito de encantamento proposto por Bennett (2016), precisamos olhar para personagens como Gus, um indivíduo jovem híbrido com características de cervo, e suas interações com as personagens femininas, como a Ursa, que cuida dele como

se fosse uma mãe. Essas relações exploram como o encantamento pode surgir a partir do encontro com o novo, com o diferente, e como essa sensibilidade afeta tanto as personagens femininas quanto Gus.

Por meio da trajetória de Ursa, que lida com a dor da perda e o desafio de orientar e proteger Gus, ou de Aimee, que lidera uma comunidade de ‘pequenos evoluídos híbridos’, entendemos como o encantamento é experimentado por elas ao enfrentarem os desafios do mundo pós-apocalíptico e como suas escolhas éticas influenciam as relações com os demais personagens.

Em *Sweet Tooth*, as personagens femininas também ensinam sobre o poder transformador do encantamento. Por meio de suas experiências emocionais e da abertura para o novo, elas desafiam normas sociais e construções hierárquicas de poder, redefinindo suas identidades e relações com outros seres. Dessa forma, mostram como o encantamento pode ser uma força poderosa para a construção de uma ética de generosidade, que valoriza a diversidade, a empatia e o respeito mútuo entre todos os seres vivos, em um mundo repleto de complexidades e encantamentos.

Na intrigante jornada da primeira temporada de *Sweet Tooth*, as personagens femininas emergem como peças fundamentais: elas não apenas impulsionam a trama, mas também atuam como agentes do encantamento, moldando as interações entre humanos e não-humanos de maneira profunda e transformadora. Observamos que suas ações, escolhas e relações transcendem o papel tradicional e contribuem para a construção de um mundo fictício imersivo e repleto de significado.

Como visionária fundadora do "Santuário", Aimee não só cria um espaço físico seguro para os ‘pequenos evoluídos híbridos’, como também incita uma transformação nas mentes e nos corações daqueles que entram em contato com seu refúgio acolhedor. Sua escolha de fornecer abrigo e proteção para os híbridos demonstra a agência das coisas (o espaço físico) como um meio de afetar profundamente as relações entre humanos e não-humanos. Aimee representa a possibilidade de transcendência das divisões convencionais ao criar um espaço onde o encantamento floresce por meio da aceitação incondicional e da empatia.

Dotada de uma determinação fervorosa, Aimee se destaca como uma ativista midiática corajosa, cujas ações desafiam as narrativas dominantes. Sua escolha de usar a mídia como meio de conscientização destaca a agência das coisas (as ferramentas de comunicação) para influenciar as perspectivas humanas. A cena em que Aimee confronta as barreiras da censura para transmitir a verdade sobre os híbridos encapsula sua habilidade de transformar as coisas em instrumentos de mudança. Ao utilizar a mídia como uma extensão de sua voz, essa

personagem exemplifica como as narrativas podem ser forjadas, e o encantamento, evocado por meio da conscientização.

Ao estabelecer uma conexão intrincada e sensível com os ‘pequenos evoluídos híbridos’, Aimee personifica a capacidade das coisas (habilidades empáticas), visto que cria laços emocionais entre diferentes formas de vida. A cena em que ela compartilha um momento de tranquilidade com uma das ‘adolescentes transformadas híbridas’ demonstra a agência das coisas em ação. Nesse instante, gestos simples podem transcender as barreiras da linguagem e criar uma conexão mais profunda. Aimee, ao utilizar suas habilidades empáticas, influencia a dinâmica entre humanos e não-humanos, ressaltando a possibilidade de um entendimento mútuo.

Portanto, ao desafiar as normas e abraçarem a agência das coisas, essas personagens femininas cumprem papéis fundamentais na evolução das relações entre humanos e não-humanos no mundo fictício. Suas ações inspiram uma nova compreensão da coexistência, em que as diferenças são celebradas, e as barreiras, derrubadas. O encantamento que emana dessas personagens não apenas transforma a trama, mas também convida os espectadores a reconsiderarem sua própria relação com o mundo natural e com os outros seres que o habitam. Nesse processo, essas personagens transcendem o *status* ficcional e se tornam arquitetas de uma narrativa de coexistência, empatia e encantamento.

2.4 O ENCANTAMENTO DAS PERSONAGENS FEMININAS FRENTE AO EVENTO PANDÊMICO

É possível explorarmos como suas experiências podem estar relacionadas ao conceito de encantamento proposto por Bennett (2016), que aborda a ideia de que reconhecer o encantamento no mundo ao nosso redor pode levar a maior sensibilidade e cuidado com a natureza e os seres vivos. A autora salienta a importância de nos conectarmos emocionalmente com o ambiente e os seres vivos, reconhecendo a complexidade e a interconexão de todas as formas de vida.

Nesse sentido, ao relacionarmos as personagens femininas de *Sweet Tooth* à pandemia global e aos argumentos de Bennett (2016) acerca do encantamento, devemos observar como essas personagens demonstram sensibilidade e conexão emocional com o mundo ao redor, mesmo em um cenário pós-apocalíptico. Suas ações e atitudes refletem a importância de reconhecermos a complexidade e a interdependência das formas de vida, o que está em consonância com os conceitos advindos da teoria do encantamento.

Assim, na primeira temporada de *Sweet Tooth*, encontramos três personagens femininas que desempenham papéis significativos em um mundo pós-apocalíptico afetado por um surto devastador, em escala global. Cada uma delas revela uma abordagem única em relação à conexão emocional com o mundo natural, a saber: Ursa, Aimee e Birdie.

2.4.1 Ursa em *Sweet Tooth*: entre o encantamento e a ética da generosidade

Iniciaremos com a personagem Ursa, também conhecida como Becky ou Rebecca Walker. A narrativa introduz uma figura essencial, cujo papel transcende a trama. Ursa destaca-se como uma líder notável, imersa em uma missão que busca compreender a interação entre a pandemia e os híbridos – seres gerados da fusão entre humanos e animais. Sua determinação em desvendar as nuances desse cenário complexo e sua incansável busca por esclarecimento e auxílio aos híbridos evidenciam o seu comprometimento em reconhecer a intrincada teia da vida e a interconexão que permeia todas as formas de existência. Ao longo de sua jornada, sua procura transforma-se em uma espécie de ajuste de contas em relação aos “Últimos Homens”. É nesse contexto que testemunhamos como sua busca pelo encantamento se reflete de maneira poderosa, demonstrada por meio de sua compaixão inabalável e pela dedicação aos híbridos.

A liderança de Ursa à frente do “Exército Animal” tem relações com o evento pandêmico, as ideias de encantamento de Bennett (2016) e o contexto da pandemia de Covid-19. Ursa guia os híbridos em resposta aos desafios do evento pandêmico, evidenciando a necessidade de colaboração que também emerge na pandemia real. Sua liderança alinha-se com a interconexão proposta por Bennett (2016), visto que valoriza os híbridos como parte do ecossistema.

O comportamento de ursa assemelha-se aos de líderes adaptativos do mundo atual, que enfrentam crises. A frase "Uns nasceram para serem liderados, outros para liderarem" revela essa dinâmica, podendo ser aplicável à pandemia e ao encantamento. A análise aprofunda a interpretação da narrativa, ressaltando que líderes notáveis podem emergir de locais inesperados, enquanto elementos sombrios podem refletir tradições ultrapassadas. Em conjunto, a liderança de Ursa destaca-se no contexto do evento pandêmico, conectando-se às ideias de encantamento de Bennett (2016) e às dinâmicas contemporâneas.

No quarto episódio da primeira temporada, mais especificamente, um diálogo revela a complexidade emocional de Ursa. Ela compartilha com Gus que também perdeu sua família, deixando-a sozinha. Seu questionamento sobre a escolha de Gus de viajar sozinho no trem, sem Jepperd, desencadeia uma resposta afirmativa vinda dele. A reação intensa de Ursa,

impulsionada pela raiva, desvenda um segredo: Jepperd era um dos “Últimos Homens”, conforme alertado pelo pai de Gus. Esse momento impactante ecoa as ideias de Bennett (2016) sobre encantamento.

Conforme a referida autora, o encantamento acontece quando o extraordinário se insinua no familiar e no cotidiano. Ela sugere que o mundo continua a ser uma fonte de conexões profundas e fortes, e que histórias como essa buscam tornar essas conexões mais tangíveis e audíveis. Além disso, argumenta que o afeto cativante por um mundo considerado digno dele pode ajudar a combater o sentimento de vitimização, que, muitas vezes, assombra os seres humanos diante da vida trágica e imprevisível. Nesse contexto, a revelação de Ursa encontra-se em conformidade com as complexas emoções dos personagens e com a visão de Bennett (2016) sobre como o encantamento pode ser uma maneira de enfrentar as adversidades existenciais.

Ainda no quarto episódio, Ursa confronta Jepperd, expressando intensa hostilidade. Seus questionamentos carregados de raiva incluem: "Por que você não conta para ele o que você é? Quantas famílias você destruiu? Quantas crianças você roubou dos pais? Quantas crianças iguais a Gus você matou? Você fez isso por falta de opção ou por que era conveniente e estava completamente despedaçado?". Nesse momento, a perspectiva de Ursa remete à ideia de Bennett (2016) sobre "encontros entre espécies", em que a autora explora o encantamento contemporâneo no contexto de encontros que transformam seres de uma categoria para outra, incluindo a nós mesmos. No entanto, essa abordagem também levanta preocupações políticas e éticas.

Narrar a modernidade com o intuito de ampliar a sensação de maravilhamento pode ser interpretado de maneira crítica, dada a possibilidade de o encantamento ser visto como um estado de espírito acrítico, oposto à razão e à ética. O confronto entre Ursa e Jepperd encerra essas tensões, exemplificando os desafios inerentes ao encantamento quando aplicado a situações complexas e morais. A interação entre esses personagens se desdobra como um exemplo dessa dinâmica: enquanto Ursa se move entre perspectivas emocionais intensas, incluindo raiva e proteção (quer proteger Gus), Jepperd traz uma visão crítica, pois questiona suas motivações.

A intersecção dessas ideias revela que o encantamento, seja pelo mundo, seja pelas complexas relações humanas, pode ser explorado através de lentes científicas, literárias e filosóficas, enriquecendo, desse modo, a interpretação da narrativa.

No quinto episódio, há cenas envolvendo elementos que podem ser analisados sob a lente da ética da generosidade e da ideia de encantamento, de Bennett (2016). Por exemplo, o

encantamento em relação à natureza refere-se à capacidade de nos maravilharmos com o mundo ao nosso redor, enxergando vitalidade em objetos, cenários e acontecimentos que normalmente consideramos parte da paisagem inerte. No contexto da pandemia em *Sweet Tooth*, o encantamento se manifesta nas paisagens naturais, como a árvore com o paraquedas, sendo este percebido por Gus como um "cobertor". Essa atitude o leva a ver algo incomum e querer entender melhor, questionando por que o objeto está ali e como pode ser interpretado.

A generosidade, por sua vez, implica sentir o valor intrínseco das coisas e reconhecer que todas as formas de vida têm dignidade. No contexto da pandemia e do encontro com o Vale das Flores Roxas, a ética da generosidade é demonstrada na atitude de Ursa e Jepperd em relação às flores e ao ambiente. Eles respeitam o espaço, reconhecendo o significado das flores em um local onde há corpos enterrados e carregado de tristeza. Assim, a busca por Gus no Vale representa uma busca por conexões e um entendimento mais profundo do mundo ao redor. A valorização da diversidade, mesmo nas circunstâncias adversas do Vale, evidencia a ética da generosidade, em que o respeito pelas diferentes formas de vida é essencial. Gus deseja atravessar o Vale e descobrir mais, demonstrando curiosidade e interesse em entender o mundo, mesmo em suas partes mais sombrias.

Por outro lado, a transformação do paraquedas de objeto de preocupação em instrumento de proteção para Ursa e Jepperd também pode ser interpretada sob o prisma do encantamento e da generosidade. O paraquedas, inicialmente visto como uma peça estranha e mágica, torna-se um elemento que oferece segurança e proteção a Ursa e Jepperd na jornada pelo Vale das Flores Roxas.

A jornada de Ursa demonstra a luta humana entre a solidão e a conexão. Após tragédias pessoais, ela se afasta dos adultos, encontrando amizade e propósito ao proteger híbridos como ela. Isso evidencia a relutância da mente em aceitar a complexidade como resultado de processos naturais, intrínseca à nossa visão de organismos complexos, conforme observado pelo filósofo Immanuel Kant (2002). Na série, o relato dessa personagem ressalta como a generosidade e a justiça social nascem de momentos de enamoramento com a existência, mesmo em um mundo aparentemente desencantado (Bennett, 2016). O sinal de rádio do Alasca, captado por Ursa no último episódio, simboliza a persistente conexão do indivíduo com um todo maior, evocando a interconectividade que subjaz à vida e à natureza

2.4.2 Aimee em Sweet Tooth: entre o encantamento e o desencantamento na alegria

A personagem Aimee, ao se distanciar da sociedade para viver em uma reserva ecológica, personifica o encantamento em sua exploração profunda da conexão com a natureza e a vida animal. Sua escolha de se desconectar da vida mundana, simbolizada pela gaiola de seu consultório, representa a busca por uma conexão mais genuína e profunda com o ambiente natural. Antes do grande esfacelamento causado pelo evento pandêmico, Aimee estava presa em uma rotina vazia, representada pela gaiola de sua vida. Ela tinha dificuldade em se conectar com qualquer coisa, inclusive com seus pacientes. No entanto, sua jornada a leva a romper essa prisão e se reconectar com a natureza, encontrando uma nova forma de encantamento.

A ideia de encantamento, conforme Bennett (2016), envolve conferir maior significado ao mundo ao nosso redor e ampliar nossa receptividade sensorial às coisas específicas e maravilhosas. Aimee experimenta essa transformação ao se libertar das restrições impostas pela sociedade moderna, que frequentemente desencanta a natureza e a cultura.

O poder retórico da história do desencantamento da modernidade, conforme descrito por Bennett (2016), influencia a forma como percebemos o mundo. A visão dual entre natureza e cultura como ordens incapazes de inspirar um apego profundo limita nossa compreensão da vitalidade dos corpos humanos e não-humanos. A escolha de Aimee de se reconectar com a natureza desafia essa ideia, mostrando como a maravilhosa vitalidade pode ser discernida novamente.

No segundo episódio da primeira temporada da série, Aimee sai de seu consultório e depara-se com a devastação causada pelo evento pandêmico. Perdida em meio à destruição, ela testemunha o surgimento de uma manada de elefantes, que emitem sons conhecidos como "barulhos" ou "gritos", variações de tom e intensidade que ecoam por cima da ruína. Embora todos se desviem dos animais, Aimee permanece imóvel, atordoada, até que a manada segue o percurso.

Esse momento de proximidade e segurança com os elefantes, mesmo em meio ao caos da pandemia, a encanta e oferece um contraponto à fúria circundante. Outrossim, o encontro com o corvo, logo em seguida, amplifica essa sensação de encantamento. Desse modo, Aimee, que momentos atrás estava perdida, passa a interagir com a natureza de maneira profunda. Ela pergunta ao corvo se ele está pronto para voar e, ao ajudá-lo a alçar voo, conecta-se com a vitalidade e a resiliência da vida que persiste mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras, refletindo a capacidade de ser impactado pelo extraordinário dentro do cotidiano. Aimee

experimenta esse encantamento ao testemunhar a majestosa passagem dos elefantes e ao auxiliar o corvo. Esses momentos ilustram que, mesmo em um mundo transformado pela pandemia, há beleza, resiliência e apegos profundos que continuam a existir.

A história de Aimee sugere que, para cuidar dos outros e do mundo ao redor, é essencial amar e valorizar a própria vida. O encantamento é uma via para esse amor, tornando-o tangível e audível. Aimee encontra uma direção, um propósito, em meio à incerteza, mostrando como amar é fundamental para cuidar da vida em suas várias formas (BENNETT, 2016).

No oitavo episódio, em meio ao cenário apocalíptico, Aimee se depara com uma visão inusitada: o exército dos “Últimos Homens”, liderados pelo enigmático General Abbott. Este, munido de um megafone, faz uso de uma abordagem singular para se comunicar: "Testando, testando, tem alguém em casa? Eu gostaria de falar com a dona da casa, tem alguém?". Aimee, intrigada e cautelosa, responde: "É ela". Abbott, olhando diretamente para dentro do ambiente em que se encontra Aimee, revela um conhecimento surpreendente: "Aimee Aide, colecionadora de vira-latas e mestiços. Tenho acompanhado seu trabalho aqui há algum tempo". Um momento de tensão paira no ar. Abbott, ciente do ambiente apocalíptico e de suas ousadas ações, questiona de maneira insolente: "Tem alguma ideia de quem eu sou?". Com uma aura misteriosa, ela responde: "Um babaca com um tanque?". Diante disso, em um tom mais sério, ele prossegue: "Abbott... Eu sou o homem que vai te proporcionar seu próprio capítulo nos livros de História um dia, senhorita Adie. Agora, como esse capítulo termina, é com você".

Nesse momento de encontro entre a curiosidade e o mistério, surge uma sensação peculiar de encantamento: o medo, uma emoção tão presente nesse mundo transformado, se entrelaça com o estado de admiração; o medo, tão íntimo da condição humana, funde-se com a surpresa e o desconhecido. Essa mistura de sentimentos, tão extraordinária quanto a própria situação, é como o pulsar do coração diante de um grande prodígio. Albertus Magnus, escritor do século XIII, representou esse cenário. Ele descreveu a admiração como uma "surpresa chocante", que antecede o vislumbre de um grande prodígio, causando uma reação visceral do coração. Aimee, em seu encontro com Abbott e a possibilidade de escrever sua história em meio ao apocalipse, experimenta essa mistura de medo e admiração. É uma dança entre a incerteza e a expectativa, entre o conhecido e o desconhecido, que envolve o espectador em um encantamento singular.

Abbott procura estabelecer uma conexão com Aimee ao mencionar o nome "Laika" e prossegue com uma explanação sobre essa figura. Ele esclarece que Laika era uma cadela, uma vira-lata que vivia nas ruas de Moscou, lançada ao espaço pelos soviéticos em nome da ciência, embora nunca tenha retornado. Para ele, sem a contribuição de Laika, os humanos não teriam

empreendido suas jornadas estelares, uma clara referência à possível utilidade dos híbridos para a cura e o fim da pandemia. Na sequência, ele indaga: "Você reuniu muitas Laikas em seu zoológico, não é?".

A narrativa de Abbott remete o espectador ao passado e ao mistério de Laika, evocando um senso de fascinação e admiração. A história de Laika é envolta por uma complexa teia de significados, incorporando a não-humanidade e a exploração científica espacial. Abbott projeta a cadela como uma protagonista não-humana que catalisou a exploração humana das estrelas. O diálogo entre ele e Aimee é uma encenação da coexistência entre encanto e desencanto. Abbott representa a maravilha do desconhecido, a busca pelo entendimento e a conexão com o não-humano por meio de Laika. Assim, a cena estabelece a interação entre o encantamento evocado pela história da cadela vira-lata e a reflexão sobre os paradigmas modernos e a busca pelo sentido, conforme delineado por Bennett (2016). Esse entrelaçamento complexo de emoções e pensamentos cria uma atmosfera rica e multifacetada na narrativa.

Na continuação da cena precedente, Aimee inicia um diálogo desafiador com Abbot, expressando sua recusa a qualquer proposta que ele possa apresentar. Em resposta, ele reafirma sua permanência, destacando que, com seus aliados, não têm intenção de partir, introduzindo duas metas com relação às "aberrações": extermínio e experimentação. About destaca a habilidade eficiente no processo de extermínio, porém admite que a quantidade de híbridos necessária para as experiências ainda não foi alcançada. Aimee responde com determinação jocosa, recusando categoricamente as pretensões de About, comparando-o a um "dinossauro" que se recusa a admitir a sua própria extinção.

Essa cena estabelece um contraste que coaduna com as percepções de Bennett (2016) sobre encantamento e desencantamento. Aimee personifica a assertividade diante do contexto apocalíptico, ilustrando um exemplo de desencantamento. Ainda assim, manifesta-se como alienação do encantamento que permanece. O diálogo entre os personagens converge para uma narrativa intrincada, enriquecida com emoções complexas e nuances subentendidas.

2.4.3 Encantamento e complexidade na ética de Birdie

No sétimo episódio da primeira temporada, a sequência de cenas se inicia com uma reflexão introspectiva: "Na vida, você está sempre atrás de um passaporte, de onde veio, a que lugar pertence e o mais importante, por que está aqui". Alguns encontram respostas fáceis a essas indagações, enquanto outros precisam explorar até os confins do mundo em busca delas.

Em um laboratório, Richard, também conhecido como Paba, circula com um carrinho, realizando a limpeza e observando galinhas enjauladas. Apesar das objeções de outros, Birdie e sua amiga permitem que Paba veja as incubadoras e se aproxime delas. Com relação a esse momento, podemos introduzir o conceito de "encontros entre espécies" (BENNETT, 2016). Paba se depara com um local contemporâneo de encantamento: o encontro com seres que atravessam categorias de existência. Esse tipo de encontro engloba transformações do humano para o animal, do organismo para a máquina, jornadas intraespécies, romances interespecies e até situações cotidianas nas ruas. A cena do episódio e as ideias de Bennett convergem-se para destacar a diversidade de conexões entre diferentes entidades, sejam humanas e animais, sejam máquinas. O laboratório, as galinhas e os personagens ilustram esses encontros.

Essa reflexão inicial evidencia a busca por identidade e propósito, podendo se estender para além das fronteiras conhecidas, trazendo à tona um cenário em que seres de diversas categorias se interconectam, criando um ambiente de encantamento e questionamento que permeia a narrativa.

Nesse mesmo episódio, Birdie adentra a um bar e se acomoda ao lado de Paba, que se encontra ocupado com um desenho. Após pedir bebidas, ambos compartilham um momento de conexão: brindam, jogam *snooker* e dividem um sanduíche. Em um dos brindes, homenageiam "Gertrude, a Geneticista" e "Birdie", sendo este último nome um apelido carinhoso dado pela mãe. A conversa evolui para Paba, que expressa seu desejo de ser uma folha, revelando um traço de sua personalidade. Ele explica que foi transferido, embora a transferência possa ser interpretada como demissão, e está sentindo como se um pedaço de si foi retirado nesse processo. Surpreendentemente, ele considera essa experiência como o melhor trabalho que já realizou.

É importante mencionarmos que Bennett (2016) explora a generosidade presumida e a busca por justiça social como sendo sustentadas por períodos de encantamento na coexistência. A conexão afetiva com um mundo considerado digno restringe o ressentimento existencial que, muitas vezes, aflige os seres humanos. O fascínio por um mundo que merece ser amado contrapõe o desencantamento, proporcionando um antídoto para o sentimento de vitimização e incompletude que frequentemente acompanham a existência humana. Logo, essa cena exemplifica como os personagens podem encontrar significado e conexão mesmo em meio a desafios e incertezas.

Ainda no sétimo episódio, a interação entre Birdie e Paba continua. Este revela sua confusão quanto à função de limpar o chão, ao que Birdie o questiona sobre seus conhecimentos a respeito de micróbios. Ele responde com modéstia, dizendo que seria melhor perguntar o que

ele não sabe sobre bactérias, vírus e fungos. Ela então explica a dualidade desses micróbios, sendo que alguns causam doenças, enquanto outros têm propriedades curativas, servindo de base para vacinas. Menciona também que procuraram por um micróbio desconhecido, possivelmente encontrado. Paba demonstra entusiasmo e questiona sobre a localização desse micróbio. Birdie, mantendo a confidencialidade, não revela diretamente, levantando a possibilidade do Alasca, mas sem confirmar nem negar.

A busca por micróbios desconhecidos transcende a mera curiosidade científica, envolvendo-se em considerações éticas sobre confidencialidade e potenciais impactos na sociedade. A interação entre Birdie e Paba ressalta a inseparabilidade do afetivo e do ético, destacando como a busca por conhecimento científico está intrinsecamente ligada a preocupações éticas mais profundas. Esses eventos se relacionam também com uma condição humana genérica, em que indivíduos enfrentam desafios complexos e paradoxais.

A cena ilustra essa complexidade, uma vez que Birdie e Paba discutem acerca da responsabilidade de trabalhar com micróbios potencialmente benéficos ou prejudiciais. A busca pelo equilíbrio entre o avanço científico e os riscos envolvidos reflete a luta constante dos seres humanos para tomar decisões éticas em um mundo complexo. Assim, nesse contexto, a interação entre esses dois personagens revela tensões morais e éticas que permeiam suas ações e decisões. Essas tensões demonstram a natureza paradoxal da condição humana e como ela se manifesta nas escolhas e responsabilidades cotidianas dos personagens.

Diante dos eventos retratados na série *Sweet Tooth*, especialmente no que diz respeito à personagem Birdie e aos híbridos, emerge uma intrigante questão: qual surgiu primeiro, o vírus ou os híbridos? Esse questionamento marca o início de uma narrativa na qual Birdie, uma geneticista envolvida na criação de híbridos em laboratório, desempenha papel crucial. No cenário dessa série, a relação entre os fenômenos observados e as entidades transcendentais baseia-se em elementos de "suspeitas", "dicas" e "exibições". Os encontros mantêm um poder fascinante e, ao mesmo tempo, inquietante, conduzindo-nos a uma fronteira tênue que sugere a existência de um mundo além do visível. Dessa forma, podemos indagar: existe uma conexão subjacente entre o vírus e os híbridos nesse contexto?

E ainda, sob a conexão da personagem Birdie e os híbridos, uma observação peculiar ocorre quando Gus diz a Paba que viu Birdie naquele dia. Ele a descreve como "bonita e com chifrinhos", ao que Paba responde: "Não era sua mãe, Gus". Entretanto, Gus questiona: "Como sabe?". Paba responde simplesmente: "Porque sei". Essa troca de informações levanta uma série de questionamentos relacionados ao mundo em que estão inseridos.

Com a fotografia de Birdie em mãos, Gus lança-se em uma busca para desvendar todos os aspectos relacionados a ela no Colorado. A presença da beleza nesse contexto evoca um "jogo livre" das faculdades cognitivas. No gosto estético, o que importa é a singularidade de uma obra de beleza específica, e, nesse sentido, a imaginação não busca categorizar o objeto belo sob um conceito rígido. As reflexões da imaginação provocadas por um objeto de beleza são mais espontâneas do que qualquer conceito "determinado" poderia permitir. No entanto, o gosto não prescinde inteiramente do entendimento: os conceitos estão presentes, mas permanecem "indeterminados" e abertos à interpretação. A exploração da relação entre o jogo, a transformação e a apreciação estética podem ser analisadas ao abordarmos como os elementos de complexidade, admiração e entendimento se entrelaçam nas experiências dos personagens.

Em meio aos acontecimentos da série *Sweet Tooth*, com foco na personagem Birdie e nos híbridos, destaca-se o episódio em que Birdie salva a vida de Judy, uma vez que a sociedade estava mergulhada no caos, com ações militares desordenadas e destrutivas. Ela assumiu o papel de cuidadora de Judy durante sua recuperação, estabelecendo um vínculo significativo em um cenário adverso. Nesse contexto, surge a reflexão sobre a vida ética em um mundo que, muitas vezes, parece desencantado e carente de significado. Essa abordagem exige uma combinação delicada de atitudes e afetos: a aceitação da finitude da existência, ao mesmo tempo em que há a recusa de se conformar com a monotonia do cotidiano. Assim, é necessário manter uma sensibilidade profunda; porém, sóbria, acompanhada por uma imaginação vibrante.

A convivência e a interação entre os personagens refletem aspectos da condição humana diante de um mundo, por vezes, desencantado e desafiador. Portanto, ao considerarmos os acontecimentos da série *Sweet Tooth* sob essas perspectivas, observamos como os personagens, em particular Birdie e Judy, enfrentam desafios éticos em um mundo complexo, explorando a relação entre a finitude, a imaginação, a sensibilidade e a busca por significado em um contexto frequentemente desencantado.

CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a desvendar as complexidades da série e sua relevância para a compreensão do Viroceno como alternativa ao Antropoceno. Ao analisar as narrativas entrelaçadas de Ursa, Aimee e Birdie ao longo da primeira temporada de *Sweet Tooth*, emergem considerações importantes sobre encantamento e ética em um mundo pós-apocalíptico.

Ursa, ao liderar os híbridos, representa a resistência à narrativa do desencantamento, defendendo a preservação da vida em suas formas diversas. Sua jornada destaca a conexão com a natureza como uma força transformadora em resposta às adversidades. Aimee, por sua vez, busca o encantamento na desolação pós-pandêmica, evidenciando a importância de encontrar significado mesmo em circunstâncias desafiadoras, simbolizando o poder do encantamento em inspirar resiliência. Birdie, por meio de suas experiências no laboratório, explora a complexidade ética da pesquisa científica, revelando como o encantamento impulsiona a descoberta e a conexão, mesmo diante das complexidades morais.

Essas narrativas sugerem que o encantamento não é apenas uma resposta emocional à beleza do mundo, mas também uma força essencial para a formulação ética que guia a busca por significado e preservação da vida. As personagens exemplificam como o encantamento pode servir como uma bússola moral em um mundo repleto de complexidades, desafiando as fronteiras entre o humano e o não-humano.

Sweet Tooth aborda questões éticas e ontológicas por meio de cenas que exploram as interações entre humanos e não-humanos, incentivando os espectadores a refletirem sobre as repercussões éticas de suas ações. A série destaca a interdependência entre humanos e não-humanos, promovendo a reflexão sobre a importância de abraçar a diversidade.

No geral, considerando as múltiplas dimensões éticas e ontológicas exploradas em *Sweet Tooth*, é possível afirmar que o objetivo deste estudo foi alcançado. A análise das narrativas evidenciou a interconexão entre encantamento, ética e complexidade, proporcionando uma compreensão mais profunda do Viroceno como alternativa ao Antropoceno. As personagens femininas, em particular, desempenharam um papel crucial na evolução da ética de generosidade, contribuindo para a construção de um mundo mais harmonioso.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. J.; GRUEN, L. *Ecofeminism: Feminist Intersections with Other Animals and the Earth*. New York, USA: Bloomsbury Academic, 2022.
- AGUIAR, Raquel; DE ARAÚJO, Inesita Soares. A Fábula Do Viroceno: Narrativas Sobre Heroísmo, Solidariedade E Novo Normal. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 19, n. 35, 2020.
- ALCÂNTARA, R. L. de S. *A ordem do discurso na educação especial*. 2011. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2011.
- BECK, U. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BENJAMIN, J. *The Bonds of Love: Psychoanalysis, Feminism, and the Problem of Domincation*. New York, USA: Pantheon, 2013.
- BENNETT, J. *The Enchantment of Modern Life: Attachments, Crossings, and Ethics*. Nova Jersey, USA: Princeton University Press, 2001.
- BENNETT, J. *The Enchantment of Modern Life: Attachments, Crossings, and Ethics*. 2. ed. Nova Jersey, USA: Princeton University Press, 2016.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BUENO, C. Relação entre homens e animais transforma comportamentos dos humanos e dos bichos. *Ciência e Cultura*, v. 72, n. 1, p. 9-11, jan./mar. 2020.
- BULLEID, J. *Returning to Human Nature: Posthumanist Animal, Environmental and Postcolonial Ethics in Sweet Tooth*, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/80104433/Returning_to_Human_Nature_Posthumanist_Animal_Environmental_and_Postcolonial_Ethics_in_Sweet_Tooth. Acesso em: 23 fev. 2023.
- BURROWES, Patrícia. Cinema, entretenimento e consumo: uma história de amor. *Revista FAMECOS*, v. 15, n. 35, p. 44-50, 2008.
- CARVALHO, Sonia Aparecida. A desnaturalização do Homo Sapiens diante da natureza e do meio ambiente natural. *THEMIS: Revista da Esmec*, v. 20, n. 2, p. 59-80, 2022.
- DER TUIN, I. V. New feminist materialisms. *Women's Studies International Forum*, v. 34, n. 4, p. 271-277, jul./ago. 2011.
- FERNANDO, J. L. From the Virocene to the Lovecene epoch: multispecies justice as critical praxis for Virocene disruptions and vulnerabilities. *Journal of Political Ecology*, v. 27, n. 1, p. 685-731, 2020a.
- FERNANDO, J. L. The Virocene Epoch: the vulnerability nexus of viruses, capitalism and racism. *Journal of Political Ecology*, v. 27, n. 1, p. 635-684, 2020b.

- FLORES, B. N.; TREVIZAN, S. D. P. Ecofeminismo e comunidade sustentável. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 1, p. 11-34, jan./abr. 2015.
- FORSTER, Edward Morgan. Aspectos do romance. Globo Livros, 1974.
- FORSTER, L. *Magazine movements: Women's Culture, Feminisms and Media Form*. New York, USA: Bloomsbury Publishing, 2015.
- GAROTAS GEEKS. 2021. Disponível em: <https://www.garotasgeeks.com/>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- GARRARD, G. *Ecocrítica*. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- GERAGHTY, L. *American Science Fiction Film and Television*. Rhode Island, USA: Berg Publishers, 2009.
- HARAWAY, Donna. Monkeys, aliens, and women: Love, science, and politics at the intersection of feminist theory and colonial discourse. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, 1989. p. 295-312.
- HARVEY, D. *Justice, Nature and the Geography of Difference*. Oxford, USA: Blackwell, 1996.
- KANT, I. *Sobre a pedagogia*. Tradução: Francisco Cock Fontanella. 3. ed. Piracicaba, SP: Unimep, 2002.
- KIRBY, D. A. *Lab coats in Hollywood: Science, Scientists, and Cinema*. Massachusetts, USA: MIT Press, 2011.
- LAVALLE, V. *The Changeling: A Novel*. Manhattan, USA: Random House Publishing, 2018.
- LEMIRE, J. *Sweet Tooth: The Return*. Califórnia, USA: DC, 2020.
- LOFTING, Hugh. *The Story of Doctor Dolittle*. E-Kitap Projesi & Cheapest Books, 2023.
- MELIS, Giacomo; MONSÓ, Susana. Os humanos são os únicos animais racionais? 2023.
- MERCHANT, Carolyn. *The death of nature: Women, ecology, and the scientific revolution*. 1980.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo: Teoria, Crítica e Perspectivas*. Econautas, 2021.
- MORAIS, D. L. de. *Ecofeminismo(s): uma sistematização das lideranças populares no Ceará*. 2021. 73 f. Monografia (Bacharelado em Economia Ecológica) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2021.
- MURPHY, P.; BRERETON, P.; O'BROLCHAIN, F. New materialism, object-oriented ontology and fictive imaginaries: new directions in energy research. *Energy Research & Social Science*, v. 79, p. 1-6, jul. 2021.
- OGILVIE, M. B. *Marie Curie: A Biography*. New York, USA: Prometheus Books, 2010.

- PATTERSON, James; LEDWIDGE, Michael; DANCHIN, Sebastian. Zoo. l'Archipel, 2013.
- PHILIPPOPOULOS-MIHALOPOULOS, A. *Life and Language in the Virocene*. 2020. Disponível em: <https://criticallegalthinking.com/2020/11/20/life-and-language-in-the-virocene>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- PLUMWOOD, Val. The politics of reason: Towards a feminist logic. *Australasian Journal of Philosophy*, v. 71, n. 4, p. 436-462, 1993.
- RESTOFE, L. R. *A descentralização do humano nas relações com os animais na deep ecology e no materialismo vital*. 2022. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis, Goiás, 2022.
- RIBEIRO, J. P. F. dos S.; ALMEIDA, S. B. de; MACHADO, V. T. A Casa: a cena e as coisas. *Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, v. 8, n. 2, p. 195-209, jul./dez. 2021.
- ROTTEN TOMATOES. *Sweet Tooth*. 2021. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/tv/sweet_tooth. Acesso em: 11 ago. 2023.
- SAMPAIO, C. A. C.; ZUÑIGA, C. H.; FUDERS, F. SHIVA, Vandana. *Monocultures of the mind: Perspectives on biodiversity and biotechnology*. Palgrave Macmillan, 1993.
- SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. *Albuquerque: revista de história*, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021.
- SHAVIRO, S. *Without criteria: Kant, Whitehead, Deleuze, and Aesthetics*. Massachusetts, USA: MIT Press, 2012.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: Perspectivas sobre biodiversidade e biotecnologia*. Palgrave Macmillan, 1993.
- SILIPRANDI, E. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- TZANELLI, R. Virocene imaginaries: Some critical reflections. *The International Journal of Interdisciplinary Global Studies*, ago. 2020.
- VITAL, A. V. Water, gender, and modern science in the Steven Universe animation. *Feminist Media Studies*, v. 20, n. 8, p. 1144-1158, 2019.
- WIKIPÉDIA. *Sweet Tooth (TV series)*. 2021. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Sweet_Tooth_\(TV_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Sweet_Tooth_(TV_series)). Acesso em: 02 fev. 2023.